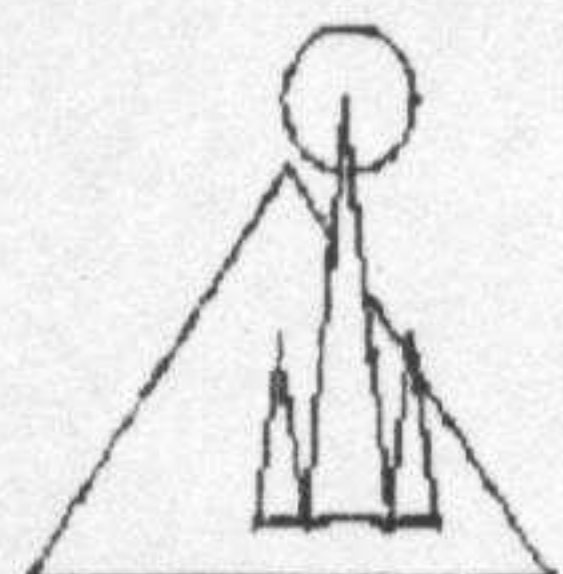


Ano 21

Nº 95

SOMNIUM



C.L.F.C.

1985

Publicação Oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica



CLFC

2005

SOMNIUM® é o clubzine oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica = CLFC. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não são devolvidos. Os artigos assinados estão creditados a seus respectivos autores e não refletem necessariamente a opinião da Editoria. As demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria.

ANO 21 — Nº 95 — MAI/JUN 2006
Editor: RCNascimento

ÍNDICE

Capa

Editorial 1

Artigos

- CLFC completa 20 anos: ficção científica brasileira e latino-americana Nelson Marques 2

Cinema

- Solaris: o livro e os filmes Eduardo Torres 8
- Ficção científica no cinema brasileiro Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia 13

Resenhas

- Uma homenagem ao Borges leitor Bernardo Esteves 15
- "Unearthly Companion" Ana Cristina Rodrigues 17
- "San Juan Romero" Miguel Carqueija 19

Contos

- Intruso em Valmar Gerson Lodi-Ribeiro 20
- Ramalhete de realidades Ivan Carlos Regina 32

Legião Estrangeira

- O sonho é uma eternidade perdida Pierre-Luc Lafrance [Canadá] 35

O Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC foi fundado em São Paulo [SP] aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua Diretoria, para o biênio 2006/2007, está composta pelos sócios Alfredo Keppler Franz Neto [Presidente], Humberto Fimiani [Secretário Executivo] e Ataíde Tartari [Tesoureiro].

Toda correspondência para o CLFC e para a Editoria do SOMNIUM deve ser endereçada a:
Caixa Postal 2105 - Ag. Central, São Paulo [SP] 01060-970

clfcbr@attglobal.com.br
editoria_somnium@yahoo.com.br
www.clfcbr.org
lista-do-clfc@yahoogrupos.com.br — acesso livre
socios-do-clfc@yahoogrupos.com.br

EDITORIAL

A edição anterior sofreu algum retardo em suas etapas de reprodução e distribuição, pelas razões apontadas pelo Presidente do CLFC em carta que a acompanhou. Tendo sido esclarecidas circunstâncias e registradas decisões, resta-nos aguardar pelo que nos reserva o futuro. Os editoriais das últimas quatro edições registraram nossos pontos de visita e, nada havendo de novo, não cansaremos os leitores com repetições maçantes. Abaixo, índice geral das matérias publicadas nesta nova fase do *Somnium*.

Ahmed A. Khan	A máquina de atavismo	Conto	S93
Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia	FC no cinema brasileiro	Artigo	S95
Ana Cristina Rodrigues	<i>Unearthly Companion</i>	Resenha	S95
Bernardo Esteves	Uma homenagem ao Borges leitor	Resenha	S95
Braulio Tavares	Os deuses e as máquinas	Artigo	S91
	<i>The Pulp Jungle</i>	Artigo	S94
Carlos Alberto Machado	A FC e sua aplicação na educação: uma...	Artigo	S94
Carlos Orsi Martinho	Imagem e semelhança	Conto	S91
Carlos Paraná	Decomposição	Conto	S94
Carlos Rubinstein	Incidente no Parque Trianon	Conto	S93
Cláudio Tsuyoshi Suenaga	<i>A Guerra dos Mundos</i> : histórias reais...	Artigo	S93
Edgar Indalecio Smaniotto	Augusto Emilio Zaluar e o surgimento...	Ensaio	S93
Eduardo Torres	Solaris: o livro e os filmes	Artigo	S95
Fábio Fernandes	O homem da casa amarela	Conto	S92
Gerson Lodi-Ribeiro	<i>Complô Contra a América</i>	Resenha	S93
	Intruso em Valmar	Conto	S95
Irinêo Netto	Entrevista com "Libby" Ginway	Entrevista	S91
Ivan Carlos Regina	Ramalhete de realidades	Conto	S95
	Teviterone	Conto	S91
	Zimbório do novo homem	Conto	S94
João Ventura	Fu'bol	Conto	S94
Jose Rolim Valença	O quarto do castigo	Conto	S92
Leandro Guimarães Cardoso	Réquiem para uma civilização	Conto	S93
Lucio Manfredi	Transparência	Conto	S92
M. Elizabeth "Libby" Ginway	Lançamento de seu livro <i>FC Brasileira</i>	Depoimento	S91
Marcello Simão Branco	Stefan Wul, um pulp europeu	Artigo	S94
Márcia Regina Olivieri	Memórias de um emissário	Conto	S93
Martha Argel	19ª Bienal Internacional do Livro	Depoimento	S94
	O guarda-mor, a urutu dourada e o disco...	Conto	S91
	Terry Pratchett na <i>Tolkien 2005</i>	Artigo	S92
Maurício Soares Bugarin	O melhor dos beijos!	Conto	S93
Miguel Carqueija	Entropia final	Conto	S94
	<i>San Juan Romero</i>	Resenha	S95
Natalia Yudenitsch	Caso arquivado	Conto	S92
Nelson Marques	A Coleção Urânia de ficção científica	Bibliografia	S92
	CLFC completa 20 anos: FC brasileira e...	Artigo	S95
Nelson Marques e Bernardo Esteves	<i>Planolândia</i> : um romance de muitas...	Resenha	S94
Pierre-Luc Lafrance	O sonho é uma eternidade perdida	Conto	S95
Rafaela Mathias	A zona escura	Resenha	S94
Roberto de Sousa Causo	<i>A ilha dos cães</i>	Resenha	S92
	Jules Verne: pronto para os próximos...	Artigo	S93
	O rasgão no real: metalinguagem e...	Resenha	S94
Telmo Marçal	O paciente	Conto	S92
Vidal A. A. Costa	A pertinência do irreal: reconhecendo...	Artigo	S91

CLFC COMPLETA 20 ANOS: FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA E LATINO-AMERICANA

(*Vinte voltas ao redor do Sol*¹ e uma volta pela América Latina)

Nelson Marques²

Organizada por Alfredo Kepler o *CLFC - Clube de Leitores de Ficção Científica* lançou uma antologia comemorativa, no finzinho de 2005, para lembrar os seus 20 anos de fundação, acontecida no dia 14 de dezembro de 1985.

"... É uma coletânea de contos de Literatura Especulativa que nasceu de um certo desconforto com o marasmo em que se metera o CLFC a partir do final dos anos 90..." (nas próprias palavras de Kepler). É claro que há muitas especulações e justificativas para tal fato que, de certa forma, podem explicar esse marasmo, como o próprio Kepler "sinaliza" na orelha do livro. Entre elas, Kepler destaca o "... complexo encadeamento de fatores sociais e econômicos que vitimaram o Brasil por essa época... (...)... bem entendido, o Brasil dos trabalhadores, escritores, editores e, no final da linha,... (...)... o Brasil dos compradores de livros...". Mas não satisfazem totalmente e, por isso mesmo, não precisamos continuar discutindo quem surgiu primeiro, se o ovo, ou a galinha, ou se foi o leitor que sumiu, ou se ele sumiu por que os livros sumiram. De qualquer modo, ela reflete uma época de crise política, social e cultural pela qual o Brasil passou ou continua passando.

Se o esforço de Kepler ao organizar essa antologia comemorativa é um passo objetivo para reverter, ou pelo menos minimizar, a penúria literária em que vivemos (pelo menos na área de literatura especulativa, como ele gosta de chamar essa área de ficção científica, fantasia e horror), trouxe a mim uma dúvida atroz. Ou seja, esse movimento de andar para trás, ou, minimamente, permanecer estagnado, ou andar para os lados, como os caranguejos, seria uma característica apenas nossa?

Nesse sentido, numa tentativa de clarificar um pouco este nosso horizonte, um tanto nebuloso, surge uma pergunta imediata que é a de saber da situação da ficção científica nos países mais próximos a nós, pensando-se em termos históricos, culturais e lingüísticos.

Para tentar responder a essa questão, ou melhor, para levantar um pouco de informações a respeito, fez-se uma avaliação bastante simples em termos de procedimento, o número de referências encontradas para determinados unitermos num determinado sítio eletrônico. A pesquisa eletrônica efetuada, usando-se um "buscador" simples, prático e eficiente como o "Google", trouxe alguns resultados interessantes, apesar de todas as ressalvas que se possa fazer ao procedimento.

Em termos práticos utilizaram-se os unitermos "ficción científica" e "ficção científica", acoplados ("and"), respectivamente, a cada um dos países da América Latina de língua espanhola (México na América do Norte, todos da América Central, do Caribe e da América do Sul), ou portuguesa (caso único do Brasil, na América do Sul). É importante qualificar os resultados obtidos, pois eles servem mais como um dado "qualitativo", ou indicativo, da extensão do campo em cada país, inferido, obviamente pelos dados quantitativos brutos. De forma indireta a informação do número de sítios serve como uma medida da repercussão e extensão da ficção científica em cada um dos diferentes países. Temos em conta também que num levantamento geral como esse há a probabilidade alta, sempre presente, de se ter informações não conectadas diretamente com a idéia básica, que era a da "medida" da expressão da ficção científica em cada país. Mas como a observação vale para todos, no fim das contas, o dado bruto ainda traz muita informação pertinente ao que se está querendo saber. Ou seja, qual é a extensão da ficção científica em cada um dos países da América Central e do Sul e do Caribe.

Para uma melhor visualização dos dados numéricos brutos eles são apresentados na forma de tabelas, com o número de sítios encontrados, e, posteriormente, os sítios mais importantes e/ou significativos de cada país poderão ser destacados.

Somnium

Tabela 1. Países da América do Norte e da América Central

Nome (ordem alfabética)	"ciencia ficción and"*	"ciencia ficción (adjetivo)"
1. Belize	717	
2. Costa Rica	331.000	1 (costarriquenha)
3. El Salvador	397.000	665 (salvadoreña)
4. Guatemala	305.000	7 (guatemalteca)
5. Honduras	274.000	275 (hondureña)
6. México	865.000	120.000 (mexicana)
7. Nicarágua	289.000	14.100 (nicaragüense)
8. Panamá	306.000	4 (panamense)

*Valor médio: 345.965 sítios

Tabela 2. Países do Caribe

Nome (ordem alfabética)	"ciencia ficción and"*	"ciencia ficción (adjetivo)"
1. Bahamas	240.000	
2. Barbados	237.000	
3. Cuba	443.000	69.000 (cubana)
4. Dominica	1.980	
5. Haiti	259.999	381 (haitiana)
6. Jamaica	250.000	466 (jamaicana)
7. Porto Rico	12.300	1 (porto-riquenha)
8. República Dominicana	276.000	283.000 (dominicana)
9. Trinidad e Tobago	236.000	

*Valor médio: 217.363 sítios.

Tabela 3. Países da América do Sul

Nome (ordem alfabética)	"ciencia ficción and"*	"ciencia ficción (adjetivo)"
1. Argentina	3.160.000	3.160.000 (argentina)
2. Bolívia	1.270.000	1.280.000 (boliviana)
3. Brasil	1.630.000	1.620.000 (brasileña)
4. Chile	1.870.000	174.000 (chilena)
5. Colômbia	520.000	534.000 (colombiana)
6. Equador	3.560	48 (equatoriana)
7. Guiana	238.000	8 (guianense)
8. Guiana Francesa	153	
9. Paraguai	1.070.000	275 (paraguaia)
10. Peru	1.620.000	150.000 (peruana)
11. Suriname	1.260	
12. Uruguai	3.590	3.600 (uruguaia)
13. Venezuela	1.590.000	1.590.000 (venezuelana)

*Valor médio: 998.197 sítios (ou 1.062.812 sítios se considerarmos o valor do número de sítios do Brasil, com os unitermos em português).

Tabela 4. Brasil

"ficção científica and" (web/português)*	"ficção científica brasileira" (web)	"ficção científica brasileira" (páginas em português)	"ficção científica brasileira" (páginas do Brasil)
2.470.000	473.000	471.000	406.000

* Nos unitermos "ficção científica and Brasil" há uma coincidência entre o número de sítios da "web" e o das "páginas em português". O número de sítios, no entanto, é reduzido para 2.380.000, com os mesmos unitermos, quando se procura "páginas do Brasil" apenas.

Sem nenhuma dúvida, pelo número encontrado na Internet, 3.160.000 sítios, a Argentina é o país que, aparentemente, teve o melhor desenvolvimento da área da ficção científica dentre todos os países da América Latina. Apenas para efeito de comparação do estado de desenvolvimento da ficção científica em outros países fixaremos este valor como o máximo de desenvolvimento possível, ou seja, 100%, e a partir daí faremos comparações relativas do estado da ficção científica em cada um dos países das três regiões geográficas selecionadas em função do número de sítios encontrados com o "buscador" eletrônico.

A partir dos dados inseridos nas tabelas algumas informações importantes podem ser obtidas. As três regiões geográficas, América do Norte e América Central, Caribe e América do Sul formam também três regiões definidas de desenvolvimento da ficção científica quando comparamos o número de sítios médios de cada uma delas: 998.197 (ou 1.062.812 com os valores reais do Brasil), para a América do Sul, 345.965, para a América do Norte e América Central, e 217.363 para o Caribe. O que significa valores relativos de 31,6 (ou 33,6), 10,95 e 6,88% do desenvolvimento da ficção científica argentina, respectivamente.

Na análise dos resultados apresentados na Tabela 1, apenas dois países, México e El Salvador, estão com um número de sítios acima daquele valor da linha média, ou seja, 865.000 e 397.000 sítios, respectivamente. Se fixarmos um critério mais realista para a aferição do real significado do desenvolvimento da área da ficção científica apenas para aqueles países que estejam 50% acima dos valores da linha média (518.948 sítios), apenas o México atinge esse critério, o que significa, com o número de sítios encontrados, 27,4% do desenvolvimento atingido pela Argentina.

Pelo mesmo critério, 50% acima do valor da linha média, na região do Caribe, apenas Cuba, com 443.000 sítios, ultrapassa o valor de 326.045 sítios. Com o número de sítios encontrados, comparativamente Cuba atingiria um valor de 14,2% de desenvolvimento da ficção científica daquele atingido pela Argentina.

Na América do Sul, também sob o mesmo critério, apenas quatro países estão acima do valor de 1.594.218 sítios, que é o valor de 50% acima do valor da linha média: Argentina (3.160.000), Brasil (2.470.000), Chile (1.870.000) e Peru (1.620.000). A Venezuela, com os seus 1.590.000 sítios encontrados na Internet, ficaria numa região limítrofe deste critério. Em termos percentuais, o Brasil com 78,2%, estaria logo atrás da Argentina em termos do desenvolvimento possível da área, seguido por Chile (59,2%) e Peru (51,3%). A Venezuela já estaria num valor muito próximo aos 50% (50,3%), ou seja, "borderline" ao objetivo proposto.

O Brasil, com 1.630.000 sítios levantados na internet, para unitermos em castelhano, o que é um número bastante significativo, atinge um valor de 51,6% do desenvolvimento observado para a Argentina ou, o que nos parece mais representativo, 78,2%, se levarmos em consideração o número de 2.470.000 sítios encontrados com o uso dos unitermos em língua portuguesa. Essa questão - o papel da língua pátria - parece ser uma consideração importante na procura de sítios, pois no caso inverso para a Argentina, o uso de unitermos em português, o número de sítios para a Argentina cai radicalmente (144.000).

Em relação à pergunta motivadora deste trabalho, ou seja, condições determinantes da situação da ficção científica atual em nosso país e em outros da América Latina, há alguns trabalhos que permitem fazer comparações interessantes.

Há um artigo escrito em 1999 por Alejandro Alonso, do Grupo Axxón, da Argentina³. De certa maneira ele mostra a semelhança de situações entre Argentina e Brasil, dois países de importância no cenário latino-americano da ficção científica. Veja quanto parte do texto do artigo "Ciencia-ficción en la Argentina. Una curiosidad antropológica?", poderia se aplicar *in totum* à situação brasileira, como Kepler chamou a atenção ao introduzir o livro do CLFC:

"... Decir ciencia-ficción en la Argentina es hablar un idioma que no todos entienden o quieren entender. La industria editorial local - casi inexistente - rara vez apuesta a este género y, cuando la hace, prefiere abreviar de los clásicos (Borges, Bioy Casares, Cortázar) antes que animarse a publicar autores nuevos. (...) En este contexto, la tarea de difundir lo nuevo del género recae sobre los fanzines y sobre los grupos de aficionados..." (...) El material que llega desde el exterior tampoco abunda. Las traducciones generalmente arriban con cuentagotas desde España y en muchos casos son caras. Vivimos del pasado: revistas como *El Péndulo*, *Minotauro* o *Nueva Dimensión* - con varias décadas de antigüedad

-, ediciones de Bolsillo Ultramar, libros de la colección Minotauro, y gran cantidad de libros que salieron en colecciones locales que duraron menos de tres o cuatro volúmenes, que se pueden comprar en las mesas de saldo a precios que no son de saldo...".

Substituam-se alguns nomes particulares de revistas e coleções e teremos uma imagem como se fosse um reflexo de espelho para a situação brasileira nas últimas décadas. Mas podemos ter um quadro ainda mais completo na continuação do artigo:

"... Con, todo, estos problemas se inscriben en una crisis que sobrepasa los límites de la cf e incluso los límites de la literatura. Con más del 15% de desocupación – y cifras realmente escandalosas de pobreza extrema – el hecho de que falte un poco de cf en la mesa no es grave: lo grave es que falte el alimento y trabajo remunerado...". Não é a toa que ele afirma com todas as letras que "... Como escritor, aplaudo esta toma de consciência y envidia de corazón a aquellos que, en sus países, pueden vivir seriamente de lo que escriben. Aquí eso no es posible. Al menos tratándose de cf o de fantasía...".

A aproximação e semelhança entre brasileiros e argentinos se dá de maneira ainda mais evidente quando percebemos, tanto quanto Alejandro Allonso, que "... Lo recomendable, en estos casos, sería que los fans del género se reunisen para hacer algo. La realidad local es que los grupos de referencia están prácticamente inactivos. Ejemplo de esto es el *Círculo Argentino de CF y Fantasía*, del cual poco y nada se sabe y, en este marco, el otrora prestigioso premio "Más Allá", que lleva años sin entregarse... (...) ... La actividad se centra entonces en torno de las revistas y fanzines... (...) ... Afortunadamente, la presencia de Internet permite que la globalización llegue hasta aquí, y esto significa poder informarse de cuál es la realidad de la cf española y latinoamericana a través de páginas de web, listas de discusión mexicanas y españolas o comprar literatura en inglés a través de Amazon...".

Questões ao mesmo tempo parecidas e outras de caráter muito particular são levantadas por Fabricio González Neira, quando traça um perfil da ficção científica de Cuba, mostrando alguns de seus problemas passados e atuais no artigo "Ciencia ficción cubana. Problemática y supervivencia"⁴:

"... La cf aparece en Cuba por primera vez en los años sesenta. Desde entonces, un nutrido número de autores dedicados a cultivar este género há logrado publicar sus libros en los que si a veces no sobra la calidad, nunca falta el entusiasmo. Con la crisis del papel y sus consecuencias, la cf se ha visto duramente afectada... (...)... Al principio de los años 70, la política cultural cambió en busca de una literatura que permitiese al pueblo sentirse un protagonista más inmediato de la lucha por la nueva sociedad... (...)... Se promovió una literatura la que se narraba de manera épica distintas etapas de la lucha revolucionaria sin preocuparse por la calidad estética o argumental de las obras. No se publicó ningún libro de cf escrito en Cuba del 72 a 77... (...)... Dos defectos fundamentales marcan la cf del decenio de los 80. En primer término, el panfletarismo presente em algunas obras... (...)... El otro defecto de la cf de pasada década es el descenso de la calidad literaria de las obras en comparación con la cf de los sesenta. En los 80, la mayor parte de los nuevos escritores que cultivan la cf son aficionados...".

Por outro lado, Miguel Angel Fernández em seus trabalhos sobre a ficção científica do México^{5 e 6} também traça um perfil da história da ficção científica mexicana e chama a atenção para alguns pontos interessantes. Apesar de que a ficção científica mexicana ter uma história bastante antiga, os seus problemas, de certa forma, são também partilhados por nós e outros vizinhos nossos:

"... El desarrollo de la ciencia ficción y la literatura especulativa en México comienza a finales del siglo XVII, a pesar del control que sobre el pensamiento y la imprenta mantuvieron los colonizadores españoles a lo largo de los tres siglos de su dominio... (...)... A partir de 1950, la gran cantidad de traducciones y revistas que hicieron fácilmente accesibles al público en general las obras y autores más reconocidos, especialmente de Estados Unidos y Europa, terminaron con las escuelas de unos cuantos escritores famosos a utilizar como modelos. Esta circunstancia se sumó al interés por las misiones espaciales que iniciaron con el lanzamiento del Sputnik en 1957 y los temores desatados por la violenta incursión mundial en la era atómica... (...)... Ya descubriendo su propio lenguaje, la ciencia ficción mexicana comienza a autoanalizarse y a encontrar comunes denominadores con el resto de la producción latinoamericana del género, con la que también entra en contacto... (...)... Em la ciencia ficción mexicana hay una tendencia muy clara que debe enfatizarse: los autores nacionales, como muchos latinoamericanos y tercermundistas, toman la ciencia ficción como fondo para presentar historias de reacción humana ante la tecnología y lo inexplicable... (...)... Los temas más comunes de los autores mexicanos de ciencia ficción son: apocalípticos y postapocalípticos, fantasías heroicas, *space operas*, ucronías, automatismo, evolución tecnológica, contactos extraterrestres y *cyberpunk*..."

As questões relacionadas com as particularidades de outros dois vizinhos nossos, Venezuela e Peru são destacadas por Jorge de Abreu (em tradução de Jorge Candeias, no sítio *E-nigma*) e Daniel Salvo, em seus respectivos artigos:

Abreu no artigo "Ficção Científica Venezuelana: História e Pré-História" ⁷ dá o tom do que aconteceu na Venezuela, onde:

"... a FC venezuelana teve um dilatado período pré-histórico (embora não tão prolongado como a tradição argentina ou espanhola; o caso venezuelano é sucinto e humilde quando comparado com qualquer destes países), e só na penúltima década do século passado a FC venezuelana atravessou, por fim, o umbral histórico. Actualmente, a Venezuela atravessa uma espécie de alta idade média, sem negar o breve período em que gozou de uma deslumbrante prosperidade helênica, pois em começos da década de oitenta começou a escrever-se com intensidade a história da FC venezuelana... (...)... E, no entanto, antes desse ponto de inflexão nos anos oitenta temos a pré-história com o seu mostruário disperso de obras que se podem classificar, com bastante amplitude e bastante imaginação, dentro do género. A pré-história corresponde, de forma difusa, principalmente à literatura de FC escrita nas décadas de sessenta e setenta... (...)... São obras isoladas de escritores iluminados que por própria vontade ou por acidente estocástico bordejaram os temas da FC ou caíram neles em cheio. Foram explosões sem reacção em cadeia, sem solução de continuidade no tempo, geralmente identificados com o género fantástico tanto por leitores e críticos como por eles próprios. Foram pouquíssimos os casos que nesse período foram etiquetados expressamente como FC... (...)... No entanto, até das loucuras se obtém dividendos: nos dez anos que vão de 1982 a 1992 cimentou-se o que é actualmente a moderna FC venezuelana: basicamente composta por fãs, identificada com os temas do género e com o seu próprio passado literário fantástico e sisudamente intelectual..."

Salvo, por seu lado, na introdução ao seu sítio "Ciencia Ficción Peru", escrevendo o artigo de título "La ciencia ficción y nosotros que la quisimos tanto" ⁸, entra por questões semelhantes ao afirmar em seu trabalho:

"... el lector peruano no es tan reacio a la ciencia ficción como los críticos literarios parecen creer. Diría más bien que somos legión. Pese a ello, la literatura de ciencia ficción (y su hermana, la literatura fantástica) no forman parte de los syllabus (se escribe así?) de los cursos de literatura en las universidades, por no hablar del tratamiento que se le da en la escuela. Incluso los "literatos consagrados" (aunque no todos) ignoran que la ciencia ficción existe. Este "desconocimiento oficial" convierte a los lectores de ciencia ficción – o CF, para abreviar - en una especie de parias en un país de parias culturales como es el Perú... (...)... los lectores habituales son ignorados por el circuito oficial de librerías y editoriales (salvo excepciones)... (...)... Outra razón, tanto mas importante que la primera, es la arrogancia de la "elite" cultural peruana, dominada por Lima. Esta arrogancia la lleva a postular, tanto de palabra como de obra, la siguiente idiotéz: la ciencia ficción no merece un tratamiento serio por parte del sector académico. O, dicho de otra manera, el intelectual serio no lee CF. Ni historietas, ni literatura fantástica, ni terror... hasta que sus papis europeos les digan que también son cultura. La elite sigue siendo colonia... (...)... Todo esto leva a que los lectores de CF, siendo numerosos, asuman una actitud vergonzante respecto a su afición, lo que trae, entre otras consecuencias: la falta de novedades editoriales en las librerías y, lo peor, en anquilosamiento de la producción literaria peruana, que actualmente consiste en aventuras de pandilleros marginales o mamotretos ininteligibles... (...)... La CF, en el Perú, es más marginal que la literatura gay..."

Finalmente, mas não por último, questões semelhantes são abordadas por Omar Vega, particularmente para o Chile, no seu trabalho "Género fantástico: En la Luna, ensayo sobre la ficción en Chile" ⁹, trabalho este publicado em duas partes na *Letras de Chile*:

"... En Chile no han faltado los soñadores brillantes, que merecen ser conocidos, en particular aquellos que han cultivado a pulso el ingrato mercado de la ciencia-ficción nacional. Hasta ahora nadie se ha hecho rico en está actividad, pero si han enriquecido nuestras vidas con sus fantasias geniales... (...)... La ciencia-ficción chilena, sin embargo, es un "patito feo" escasamente conocido más allá de un pequeño grupo de persistentes cultores y leales lectores. Por eso no es extraño que en 1984 el investigador Remi-Maure – pionero de la investigación del género en Chile – pudiera afirmar impunemente que la ciencia-ficción chilena había nacido en 1959 y que había muerto a mediados de los '70. En efecto, al contrario de la realidad del resto de la literatura, si buscamos en las librerías chilenas muy rara vez encontraremos libro alguno de ciencia-ficción escrito por un autor nacional... (...)... no existe algo que pudiéramos llamar una escuela de ciencia-ficción chilena, sino más bien obras escritas por chilenos siguiendo las corrientes internacionales. Este no es un defecto propio de la ciencia-ficción nacional, sino que es característico de toda la ciencia-ficción hispana... (...)... El pasado de la ciencia-

ficción chilena esta cubierto de brumas... (...)... En particular, existe una idea relativamente clara de la producción de novelas del género en el período que va desde fines del siglo XIX hasta el presente... (...)... Desde 1959 hasta principios de los '70 la literatura de ciencia-ficción chilena alcanza su madurez... (...)... Hasta ahora no existen escritores profesionales de ciencia-ficción en Chile... (...)... Para la mayoría de los escritores de la ciencia-ficción es sólo una actividad querida, pero poco rentable... (...)... La ciencia-ficción chilena se ha mantenido viva gracias al esfuerzo y entusiasmo de sus autores, y sin dudas, permanecerá. Esperamos que en un futuro no muy lejano salga de su capullo y se lance a la conquista del cosmos...".

Vê-se, portanto, que a resistência, o empenho e o esforço são características de todos nós latinos, sejam os de formação espanhola, sejam nós os de formação portuguesa, no sentido de levar adiante a tocha da ficção científica sem deixar apagá-la. E isso, com maior ou menor sucesso, com maior ou menor resistência, dependendo das peculiaridades locais e determinantes históricos e sociais. Não é à toa, e nem sem esforço de trabalho e de reconhecimento, que uma das principais referências da área da ficção científica mundial, a enciclopédia de ficção científica de Clute e Nichols, passou de apenas 66 palavras sobre a ficção científica latino-americana, no verbete "Spain, Portugal, and South America", na sua primeira edição de 1979¹⁰, para quase 3.000, agora já num verbete independente, "Latin American", em sua edição de 1995¹¹. Neste, são destacados, com mais informações, a Argentina, Cuba, o México, o Brasil e o Chile e com uma pequena listagem de autores, apenas, para a Colômbia, a Costa Rica, o Equador, El Salvador, o Peru, Santo Domingo, o Uruguai e a Venezuela. Nem a outra obra mestra, a enciclopédia de Pierre Versins¹² faz a devida justiça à América Latina, pois apesar de apresentar verbetes independentes para alguns países - Argentina, Cuba e Brasil - engloba apenas alguns outros países da América Latina no verbete "Espagne" (casos do Uruguai e do Chile).

Em relação aos sítios na internet, há alguns deles que merecem uma referência, mesmo que seja breve. Serve de porta de entrada para aqueles que quiserem se aprofundar, ou mesmo ampliar o escopo deste trabalho, trazendo novas contribuições.

Sem nenhuma dúvida, seja em termos de importância, seja em termos de abrangência, o "site" da revista *Axxon*, da Argentina é um dos mais importantes (<http://axxon.com.ar>). Originalmente apenas da revista, hoje em dia ele é a porta de entrada de uma verdadeira enciclopédia eletrônica sobre a ficção científica argentina e latino-americana (<http://axxon.com.ar/ecf/e-encicl.htm>). Várias referências cruzadas para outros países podem começar a partir deste sítio. Ainda na Argentina há um sítio mais geral sobre literatura fantástica, incluindo, obviamente, a ficção científica (<http://www.literareafantastica.com.ar>) e o sítio da revista *Cuasar*, dedicada à ficção científica, fantasia e terror (<http://www.revistacuasar.com.ar>).

Apesar de no Brasil os interessados poderem navegar a vontade na Internet e acharem os "sites" que quiserem, alguns sítios devem ser destacados. Inicialmente o próprio sítio do CLFC – Clube de Leitores de Ficção Científica (<http://www.clfcb.org>), seguido por dois outros que trazem muitas informações sobre fantasia, terror e ficção científica, o da revista *Scarium*, de responsabilidade de Marco A. M. Bourguignon (<http://www.scarium.com.br>), e o de José Carlos Neves (<http://www.alanmooresehordocaos.hpg.ig.com.br>). Deve ser destacado também o sítio bibliográfico de R. C. Nascimento (<http://www.qnat.hpgvip.com.br>) e o sítio português *E-nigma* (<http://ficcao.online.pt/E-nigma/>), por também trazer muitas informações sobre o Brasil e os outros países da América Latina.

No México pode ser citado o sítio *Ciencia Ficción Mexicana* (<http://www.ciencia-ficcion.com.mx>). Outro sítio interessante é o cubano *Guaicán Literário*, o "primer sítio de la literatura de Ciencia Ficción Cubana" (<http://www.cubaliteraria.com/guaican>), assim como *Quinta Dimension*, sítio da "... revista digital sobre ciencia ficción, terror y fantasia...", do Chile (<http://www.quintadimension.com>). Do Peru, há a página pessoal de Daniel Salvo (<http://espanol.geocities.com/cifiper2002/>). Outro sítio importante, se bem que espanhol, não latino-americano, mas com importantes informações sobre a nossa área geográfica é o *Bibliopolis: Crítica sobre literatura de Ciencia Ficción en la Red* (<http://www.bibliopolis.org/>).

Notas

1. *Vinte Voltas ao Redor do Sol. Uma Antologia Comemorativa*. Kepler Neto, Alfredo Franz, org. São Paulo, SP: Clube de Leitores de Ficção Científica, 2005, 390 p.

2. Nelson Marques. NUDICT - Núcleo de Comunicação em Cultura, Ciência e Tecnologia, Museu Câmara Cascudo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sócio CLFC no. 460 (marquesnel@terra.com.br).
3. Alonso, Alejandro. "Ciencia-ficción en la Argentina. Una curiosidad antropológica?" (<http://www.bibliopolis.org/articulo/cfargent.htm>). Acesso em 23/01/2006 (o artigo foi publicado originalmente no *Códice Estelar*, da Hispacon 1999).
4. Neira, Fabrício González. "Ciencia ficción cubana. Problemática y supervivencia" (<http://www.bibliopolis.org/articulo/cfcubana.htm>). Acesso em 23/01/2006.
5. Fernández, Miguel Angel. "Breve historia de la Ciencia-Ficción mexicana" (<http://www.red-literaria.com/articulo CFmexicana.htm>). Acesso em 25/8/2005.
6. Fernández, Miguel Angel. "El año de la Ciencia Ficción mexicana" (<http://www.ciencia-ficcion.com.mx/nivel2.asp?cve=11:28>). Acesso em 25/8/2005.
7. Abreu, Jorge de. "Ficção científica venezuelana: História e pré-história" (<http://ficcao.online.pt/E-nigma/artigos/fcvenezuelana.html>). Acesso em 15/2/2006.
8. Salvo, Daniel. "Ciencia Ficción Perú. La ciencia ficción y nosotros que la quisimos tanto" (<http://espanol.geocities.com/cifiper2002/junio.html>). Acesso em 25/01/2006.
9. Veja, .Omar. "Género fantástico: En la Luna, ensayo sobre la ciencia ficción en Chile" (<http://www.letrasdechile.cl/modules.php?name=News&file=article&sid=1016> e <http://www.letrasdechile.cl/modules.php?name=News&file=article&sid=1017>). Acesso em 22/02/2006.
10. Nicholls, Peter. *The Science Fiction Encyclopedia*. Garden City, N.Y.: Doubleday/Dolphin, 1979, 672 p. (p. 564).
11. Clute, John e Nicholls, Peter. *The Encyclopedia of Science Fiction*. New York: St. Martin's Griffin, 1995, 1386 p. (p. 693-697).
12. Versins, Pierre. *Encyclopédie de l'Utopie et de la Science Fiction*. Lausanne: L'Age D'Homme, 1984, 1037 p. (Argentina, p. 59-60; Brasil, p. 129-130; Cuba, p. 215-216; Espanha, p. 288-290).

SOLARIS: O LIVRO E OS FILMES

Eduardo Torres

O homem partiu à descoberta de outros mundos, de outras civilizações, sem ter inteiramente explorado seus próprios abismos, seu labirinto de corredores escuros e câmaras secretas.

-Solaris, o livro

O Homem foi criado pela Natureza para explorá-la. Quando alcança a Verdade, está fadado ao Conhecimento. Todo o resto é besteira.

-Solaris, o filme

-Quem sou eu então? - Uma marionete. - E você não é? Ou talvez você seja minha marionete. Mas como todas as marionetes, você pensa que é realmente humano. Esse é o sonho de todas as marionetes.

-Solaris, a refilmagem

Versões literárias e cinematográficas de uma mesma obra de ficção científica em geral são conflitantes, com infindáveis debates sobre a possível perda da essência do livro em sua transposição para a tela e a eventual necessidade de se mudar a história devido às grandes diferenças entre os dois meios.

Em poucas ocasiões a divulgação de um trabalho de ficção científica nesses dois formatos adquire características de sinergia, onde o somatório das duas formas excede a soma de cada uma delas isoladamente.

Resgatando três raros exemplos em que isso ocorreu, '2001, Uma Odisséia no Espaço' de 1968 seria o mais famoso e, nesse caso, o romance de Arthur C. Clarke, publicado pouco antes do lançamento do filme, sequer existiria se não fosse o roteiro escrito a quatro mãos por Clarke e Stanley Kubrick, no qual se baseou (e com participação significativa das idéias desse último, como honestamente reconheceu Sir Arthur em 'Mundos Perdidos de 2001'). O segundo seria 'Blade Runner' de 1982, o hoje cult-movie de Ridley Scott, baseado no romance 'Andróides Sonham Com Ovelhas Elétricas?' de 1968, que fez uma vasta legião de leitores (re)descobrirem Philip K. Dick, talvez o mais filmado autor de FC de todos os tempos. Além disso, para muitos críticos e leitores/espectadores (entre os quais me incluo), esse seria um dos poucos filmes de FC que superaram os livros em que se basearam.

O terceiro seria 'Solaris'.

Stanislaw Lem tinha 40 anos quando escreveu e publicou 'Solaris' em 1961 na sua Polônia natal. Na época já era um escritor conhecido em seu país, embora tivesse se formado em medicina e trabalhado numa instituição estatal de pesquisa, escrevendo seus primeiros livros nas horas vagas. Sua visão pessimista da humanidade freqüentemente lhe trouxe problemas com o governo socialista, mas conseguiu se firmar como um dos mais famosos escritores de ficção científica do então Segundo Mundo, pois teve suas obras logo traduzidas para o russo e diversas línguas dos países sob a órbita política da antiga União Soviética.

Mas permanecia pouco conhecido no Ocidente, até que chegaram as notícias no início dos anos 70 de que o já prestigiado cineasta russo Andrei Tarkovsky estava dirigindo um filme de ficção científica que seria a 'resposta soviética a '2001'', baseado num livro de um certo escritor polonês.

Só a partir de então é que, pela primeira vez, Lem foi traduzido para o inglês, com uma pioneira edição britânica de 'Solaris' em 1970. Embora houvesse uma edição francesa anterior (na qual se baseou o texto em inglês), só a partir dessa publicação 'Solaris' e Lem passaram a ter repercussão entre leitores e editores anglofônicos de FC, que dominavam (como ainda dominam) o mercado mundial do gênero.

E como o Brasil na época estava bem mais antenado do que hoje com a ficção científica internacional, logo no ano seguinte, em 1971, era publicada em nosso país a primeira tradução do mundo de 'Solaris' em português, pela Editora Sabiá, em texto vertido pelo famoso (segundo alguns, pela qualidade dos textos, infame) José Sanz.

Em 1974, quando do lançamento do filme 'Solaris' de Tarkovsky no Brasil, os exemplares encalhados da edição de 1971 voltaram em massa às livrarias e rapidamente se esgotaram. Eu, na época adolescente e ávido leitor de FC, tive o privilégio de ser um desses felizes compradores e até hoje guardo carinhosamente meu exemplar, já com as bordas das páginas amareladas (uma segunda publicação brasileira só surgiria treze anos depois, em 1984, pela Editora Francisco Alves, em seqüência à primeira edição lusa de 1983 pela Editora Europa-América).

Essa foi uma das grandes sinergias que o filme 'Solaris' de 1972 ocasionou em sua associação com o livro homônimo escrito nove anos antes. Lem criou uma história instigante para o filme e o filme tornou Lem e sua obra conhecidos em todo o mundo. A outra foi que as duas obras se complementaram muito bem, a ponto de, na memória intelectual de muitos leitores/espectadores (entre os quais me incluo mais uma vez), 'Solaris' ser como um 'continuum' entre as duas mídias.

Trinta anos depois, em 2002, uma refilmagem do agora clássico (segundo alguns, cult) filme de Tarkovsky, produzida por James (Titanic) Cameron e dirigida por Steven (Erin Brockovich) Soderberg reacendeu o interesse por essa vigorosa obra de FC.

Os dois filmes 'Solaris' são bem diferentes entre si, mas, cada um a seu modo, são fiéis à letra e ao espírito do romance, embora sem subserviência estéril ao texto, e sim recriando-o num outro meio de comunicação que tem linguagem própria, e até ousando criativamente nas cores vindas da paleta de Lem.

'Solaris', o livro, tem como cenário uma estação espacial em órbita de um planeta distante. O planeta Solaris é um grande oceano, que é estudado há quase cem anos, e que se comporta como se fosse um único gigantesco ser. Inteligente? Consciente? Apenas uma grande complexidade orgânica? A Solarística (especialidade científica criada em torno da busca para compreender Solaris) ainda não sabe. Pior: Todo o conhecimento acumulado em décadas não parece ter permitido qualquer avanço em decifrar o enigma de Solaris desde o dia de sua primeira descoberta. O místico 'Contato', o coroamento final da Solarística, é um sonho cada vez mais distante. A Estação Solaris agora só é ocupada por três cientistas, mas a comunidade solarista hesita em fechá-la definitivamente. Seria o reconhecimento do seu fracasso. Um psicólogo é enviado da Terra para uma inspeção.

Esse é o cenário onde se desenrola o drama criado por Lem. Kris Kelvin, o psicólogo, logo percebe o motivo do comportamento estranho dos cientistas, um dos quais, seu amigo Gibarian, se suicidou poucos dias antes de sua chegada: 'Visitantes' aparecem para cada um deles, inclusive Kris. São exatamente como as imagens dessas pessoas estão nas mentes dos cientistas. E essas 'visitas' desencadeiam um turbilhão de emoções e angústias.

Uma das coisas mais impressionantes no livro 'Solaris' é como Lem cria uma sensação de maravilhamento ao tecer de modo arrepiantemente verossímil a Solarística, a 'geografia' de Solaris, e a estrutura física dos 'visitantes'. As prolixas referências às obras científicas da Solarística (que ressoam as resenhas de livros imaginários feitas por Jorge Luis Borges), tão criticadas por alguns leitores menos habituados à FC de maior densidade, são justamente o rito de passagem ao universo criado por Lem. As 'digressões' de Lem têm ainda a função de ditar o ritmo da leitura, fazendo-nos equilibrar pausas meditativas com momentos de ação e tensão. A descoberta de que Harey, a cópia da ex-mulher de Kris, era na verdade formada por neutrinos organizados de modo a imitarem exatamente a estrutura molecular de um ser humano é assustadora, pois implicava que Solaris podia duplicar corpo e mente humanos de modo que nós próprios somos incapazes. Ainda hoje me arrepio quando leio esse trecho.

No entanto, o próprio Lem, na voz de Snaut, mostra como nem isso seria um verdadeiro 'Contato', ao lembrar que, mesmo se pudéssemos recriar tecnologicamente de modo perfeito as complexas formas sintetizadas pelo oceano, isso não implicaria que compreendêssemos sua verdadeira natureza.

A leitura da edição brasileira de 'Solaris' tem alguns solavancos devido à tradução algo confusa de Sanz. Algumas passagens parecem nitidamente truncadas e até meio incompreensíveis, mas com boa vontade e uma versão em inglês ao lado, podemos minimizar os problemas.

'Solaris', em suma, provoca o leitor a refletir sobre o fato de que no fundo não procuramos novos mundos, mas sim espelhos do nosso. Convida-nos a pensar que a verdadeira busca do conhecimento é tentar conhecer verdadeiramente a nós próprios. A idéia central de 'Solaris' é que dentro de cada homem há um oceano de complexidades muito maior que o próprio Solaris, e que mais desconhecido que o ser-oceano é o próprio Homem.

O filme 'Solaris' de Tarkovsky recria de modo inspirado a história de Lem. Diferente do livro, dedica uma longa introdução para situar melhor no espectador a missão de Kelvin, de modo a obter uma sensação de suspense desde antes de sua chegada à estação. O ritmo da 'leitura' no filme é obtido não pelas detalhadas descrições sobre Solaris, inviáveis nesse meio, mas pelas longas tomadas, pela montagem e, principalmente, pela música de Bach (nesse ponto numa inspiração artística semelhante à de Kubrick em '2001'). Logo no início há uma polêmica longa seqüência de um carro percorrendo autopistas ao entardecer até que a noite sobrevém, mas essas cenas parecem ter a mesma função das descrições detalhadas de Lem no livro: Dirigir nosso ritmo de 'apreciação' como um competente maestro. E, ao apreciar a cena final dessa seqüência, vista do alto à noite, de um emaranhado de pistas se entrecruzando e com milhares de carros correndo por elas como glóbulos vermelhos em artérias, temos a sensação de que todo o conjunto tem vida própria, como correntes de um grande oceano, fazendo-nos pensar em perturbadoras analogias com o oceano vivo com o qual em breve nos depararíamos.

Tarkovsky concluiu a direção de 'Solaris' exatamente com a mesma idade em que Lem terminou o livro. Na época o diretor já tinha prestígio fora da União Soviética, desde que ganhou o Leão de Ouro do Festival de Cinema de Veneza em 1962 com 'A Infância de Ivan'.

Em 'Solaris', o roteiro de Tarkovsky e Fridick Gorenshstein cria uma interessante ligação entre a seqüência inicial do filme, com Kris à margem do lago da casa do seu velho pai, às cenas finais do protagonista na mesma casa e mesmo lago, dessa vez recriados na superfície de Solaris, como uma nova etapa de uma experiência cósmica que ecoa o monólito de '2001'. Nesse ponto creio que foi um final mais rico que o próprio livro em termos de caminhos abertos à reflexão do leitor/espectador.

Muitos diálogos do filme reproduzem os do livro, mas em diferentes personagens, o que também é instigante.

Em termos de efeitos especiais, no entanto, o filme foi bem mais fraco que '2001', que se propunha a 'responder'. Tem uma cena de falta de gravidade na estação muito bonita, e que serviu como contraponto entre duas fases importantes no relacionamento dos cientistas com os 'visitantes', mas que tinha erros primários, como velas com chamas verticais e os cabelos de Harey caindo para baixo sob a ação de seu peso.

Tarkovsky morreu de câncer em Paris em 1986. Embora 'Solaris' tenha sido sua obra mais famosa, o cineasta sempre dizia que não era sua favorita.

Tanto 'Solaris', o livro, como 'Solaris', o filme de Tarkovsky, nos fazem pensar nos abismos que temos dentro de nós mesmos, ainda mais perturbadores que as profundezas de Solaris, e os dois têm momentos sublimes de fascínio, embora não focados nas mesmas seqüências, o que, como disse, enriqueceu as duas obras.

Já 'Solaris' de Soderbergh situa a narrativa numa estação de propriedade de uma empresa privada (numa polêmica 'atualização globalizada' da exploração espacial), sem envolver o espectador na longa história científica da Solarística. E muda o frio e cínico Sartorius para uma física negra mais sangüínea chamada Gordon, mas que mantém em linhas gerais a personalidade original do protagonista. Snaut agora é Snow e a Harey do livro em polonês (que virou Hari em russo no primeiro filme) agora é Rheyra.

O roteiro de Soderbergh privilegia a história de Kris (agora Chris), Rheyra e Gibarian antes de sua viagem à estação, numa recriação ousada do texto original de Lem, mas que funciona muito bem. Nessas seqüências em flash back, o diretor optou por uma brilhante iluminação amarela que contrastava com os tons azuis metálicos e escuros das cenas na Estação Solaris. A música do filme (especialmente composta, diferente da opção de Tarkowsky) impressiona e serve também como agente dramático do filme. Nessa versão, a angústia e desconcerto com os 'visitantes' são centrados, muito mais que nas outras duas versões, nas relações emocionais e amorosas entre Chris e Rheyra. Mas creio que essas opções do roteiro não fizeram injustiça à essência da história e às idéias originais de Lem, apenas as mostraram por novo ângulo, igualmente rico.

É interessante observar que, apesar dos comentários cáusticos da crítica na época da produção de que seria uma obra muito mais comercial que artística, a refilmagem de Soderbergh foi muito mais baseada no livro de Lem que no filme de Tarkovsky, com até mais diálogos do romance original reproduzidos 'verbatim' que na primeira versão cinematográfica (e, como nela, também com interessantes inversões das falas entre os personagens).

Em termos de ritmo, o filme de Soderbergh é bem diferente do livro e do primeiro filme, com as seqüências de ação e diálogos se sucedendo praticamente sem nenhuma pausa meditativa, exceto os curtos, mas belos planos gerais de Solaris criados por computação gráfica, que servem como marcadores da entrada de cada nova fase da história.

O aspecto 'hard' dos dois filmes é, propositadamente, menos cuidado que no livro, mas na versão de Soderbergh é relegado a plano mais que secundário, exceto nas cápsulas de ejeção dos 'visitantes', que no filme de 2002 parecem mais verossímeis que no livro e na película de 1972, onde temos foguetes com chamas lançados do interior da estação. (Aliás, essas cenas de 'divórcio' estão presentes nas três obras, e são tão perturbadoras para Kris/Chris quanto para o leitor/espectador). Em termos de explicação sobre a constituição física dos 'visitantes' e do seu aniquilamento, foi o mais fraco dos três.

No entanto, a rica ousadia da versão de 2002 prossegue quando o espectador descobre que o Snow que conhecemos não é o 'original', mas também uma criação de Solaris. Esse 'passo além' não foi pensado (ou pelo menos mostrado) por Lem, mas parece uma consequência natural, abrindo novos e angustiantes questionamentos sobre a natureza humana, dentro do espírito da história original, e até ampliando seu alcance.

O final do filme de Soderbergh também inova criativamente em relação a Lem e a Tarkovsky. Nessa versão Chris reencontra Rheyra de modo mais definitivo (de novo, sugestivamente, num ambiente amarelo brilhante), ao permanecer na estação em sua queda em direção a Solaris, atraída inexoravelmente pelo oceano. Fica uma possível leitura de continuidade da 'experiência' em um nível mais profundo, como no primeiro filme, ou um presente de Solaris, como insinuado no romance sobre o verdadeiro objetivo dos 'visitantes'. Soderbergh mostra ainda uma tocante cena do 'visitante' menino, filho de Gibarian, estendendo o braço para um Chris jogado ao chão, confuso com o colapso da estação, criando uma bela alegoria do 'Contato' longamente sonhado pelos solaristas de Lem.

E, como uma possível interpretação ainda mais rica, creio que Soderbergh deixa em aberto para o espectador a possibilidade de Chris ter efetivamente embarcado na 'Athena' e deixado com Gordon a estação a caminho da Terra (pois as etapas de lançamento confirmadas por Gordon com Chris a bordo pareciam ser irreversíveis e impeditivas de um abandono repentino da nave).

Nesse caso, o Chris que vimos deixar a ala de embarque não seria o original, mas uma cópia criada por Solaris (interpretação reforçada pela seqüência de volta à Terra de Chris mostrada logo após as confirmações das etapas de lançamento anunciadas por Gordon).

Assim, a cena final de Chris e Rheyra seria inteiramente uma recriação de Solaris, aprofundando o 'Contato' com a observação do relacionamento íntimo de seres criados exclusivamente de memórias humanas, mas que seriam tão humanos quanto os originais. Talvez até mais, pois, nas palavras de Snaut no romance, apenas 2% de nossa atividade mental é consciente. Se Solaris pode ler 100% de nossa atividade mental, ele nos conhece melhor que nós mesmos.

Creio que, se esteticamente o 'Solaris' de Tarkovsky pode ser considerado superior ao de Soderbergh, este último foi no mínimo do mesmo nível em termos de ficção científica, ousadia criativa e respeito ao cerne do romance.

Os leitores de 'Solaris' podem se beneficiar dos dois para ampliar o alcance e a reflexão propostos no livro, e ainda manter o exclusivo prazer de imaginar livremente em suas mentes o poético trecho, não reproduzido em qualquer dos filmes, em que Lem descreve o primeiro contato direto de Kris com o oceano vivo, quando, ao estender seu braço, uma das ondas de Solaris hesita, recua, e depois envolve sua mão enluvada, sem no entanto tocá-la.

'Solaris', o livro e os filmes, representam um tour de force imaginativo com o que há de melhor na ficção científica: Têm a capacidade de nos fazer pensar com novos paradigmas num mundo possível, mas inteiramente diferente do nosso. E, dessa posição vantajosa, nos permitir olhar mais penetrantemente para nós mesmos.

Fichas Técnicas:

O livro:

Primeira edição em português:

'Solaris', Stanislaw Lem, tradução (do inglês) de José Sanz, Coleção Asteróide, Editora Sabiá, Rio de Janeiro, GB, dezembro de 1971

Primeira edição em inglês:

'Solaris', Stanislaw Lem, tradução (do francês) de Joanna Kilmartin e Steve Cox, Editora Faber, Londres, junho de 1970

Primeira edição em polonês:

'Solaris', Stanislaw Lem, Editora Wydawnictwo Mon, Varsóvia, 1961

O filme:

'Solaris' (1972)

Direção: Andrei Tarkovsky

Produção: Viacheslav Tarasov

Roteiro: Fridick Gorenshtein e Andrei Tarkovsky

Elenco:

Donatas Banionis (Kelvin)

Natalya Bondarchuk (Hari)

Jüri Järvet (Snaut)

Vladislav Dvorzhetsky (Berton)

Sos Sargsian (Gibarian)

Nikolai Grinko (pai de Kelvin)

A refilmagem:

'Solaris' (2002)

Direção: Steven Soderbergh

Produção: James Cameron, Jon Landau, Rae Sanchini, Charles Bender, Gregory Jacobs e Michael Polaire

Roteiro: Steven Soderbergh

Elenco:

George Clooney (Kelvin)

Natascha McElhone (Rheya)

Viola Davis (Gordon)

Jeremy Davies (Snow)

Ulrich Tukur (Gibarian)

FICÇÃO CIENTÍFICA NO CINEMA BRASILEIRO

Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia

"A Ficção Científica no Brasil: Um planeta quase desabitado" (In: ALLEN, 1976, p. 5-20), é o título de um artigo do crítico e escritor Fausto Cunha sobre a trajetória do gênero na literatura, mas que poderia ser aplicado também ao estudo da ficção científica no cinema brasileiro.

Não temos no Brasil grande tradição de crítica e pesquisa da ficção científica, seja no cinema ou na literatura, diferente do que ocorre nos EUA ou na Europa. É muito difícil precisar o início do cinema de ficção científica no Brasil. A França teve Georges Méliès, notadamente dedicado ao cinema fantástico e de ficção científica. No Brasil, parece que personalidade equivalente não existiu, sendo mínima a possibilidade de encontrarmos filmes brasileiros do período mudo similares aos de Méliès, por exemplo.

Portanto, só poderemos falar de filmes brasileiros de ficção científica com um pouco mais de propriedade no período sonoro. *Uma Aventura aos 40*, do dramaturgo e comediante carioca Silveira Sampaio, é uma comédia emoldurada pela ficção científica. O filme foi lançado em 1947, mas a estória se passa no dia 31 de julho de 1975, quando o Prof. Carlos de Miranda completa 70 anos e é

homenageado por programa de TV que leva ao ar sua biografia. Mas mal o apresentador começa a narrar a vida do professor, este logo o interrompe aborrecido, querendo esclarecer os fatos. Eis o *novum*: nessa época futura, o espectador é capaz de comunicar-se diretamente com o apresentador de TV.

Do final dos anos 1950 em diante, a ficção científica foi amplamente explorada no cinema brasileiro como matéria-prima de comédias, paródias ou chanchadas. São exemplos os filmes *Carnaval em Marte* (dir. Watson Macedo, 1954), *Os Cosmonautas* (dir. Victor Lima, 1962), *Roberto Carlos em Ritmo de Aventura* (Roberto Farias, 1968), *O Trapalhão no Planalto dos Macacos* (dir. J. B. Tanko, 1976), *Os Trapalhões na Guerra dos Planetas* e *O Incrível Monstro Trapalhão* (dir. Adriano Stuart, 1978/1981 respectivamente). A ficção científica também foi apropriada pela comédia erótica, como em *O Inseto do Amor* (Fauzi Mansur, 1981), e pelo Terror de Ivan Cardoso, em *O Segredo da Múmia* (1981) e *As Sete Vampiras* (1986). *Por Incrível que Pareça* (dir. Umberto Molo, 1986) e *O Efeito Ilha* (dir. Luiz Alberto Pereira, 1994) também se basearam no imaginário ou iconografia da ficção científica.

Filmes experimentais, com abordagens mais sérias ou sofisticadas também foram surgindo. *O Quinto Poder* (dir. Alberto Pieralisi, 1962), da Pedregal Filmes, talvez seja um dos primeiros filmes brasileiros de ficção científica genuína, na medida em que trata de intriga internacional em torno da ameaça da tecnologia subliminar. Nelson Pereira dos Santos investe na ficção científica com *Quem é Beta?* (1973), sobre um futuro "hippie-apocalíptico", e Walter Lima Jr. trata da conjuntura brasileira por meio de alegorias em *Brasil Ano 2000* (1969). *O Anunciador* (dir. Paulo Bastos Martins, 1970), dispara críticas a diversos setores da sociedade brasileira por meio de paródias e alegorias, e *O Macabro Dr. Scivano* (dir. Raul Calhado e Rosalvo Caçador, 1971) se vende como "o primeiro filme de ficção psicocientífica" do cinema brasileiro. A vertente dedicada a especulações em torno da poluição tem bons representantes em *Parada 88: O limite de alerta* (dir. José de Anchieta, 1978) e *Abrigo Nuclear* (dir. Roberto Pires, 1981). O filme de Pires relembra *THX-1138* (1971), de George Lucas, por sua vez inspirado no tema do indivíduo que se recusa a obedecer as regras de uma sociedade do futuro totalitária, presente em romances como *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, *Nós* (1924), de Evgueny Zamiatin, e *1984* (1948), de George Orwell. *Amor Voraz* (Walter Hugo Khouri, 1984) é sobre o relacionamento entre uma mulher e um alienígena. Segundo Jairo Ferreira, "Filme de *science-fiction* sem efeitos especiais ou visuais, *Amor Voraz* é um raro exemplar da inesgotável força do cinema como veículo de sugestões poéticas." (FERREIRA, 1985, p. 84).

Em 1993, Francisco de Paula une a tradição do filme-catástrofe à lenda de Atlântida em *Oceano Atlantis*. O primeiro filme brasileiro 100% digital surge em 1996, depois de 4 anos de trabalho: *Cassiopéia*, animação de Clóvis Vieira, é sobre ataque alienígena à população do pacífico planeta Atenéia, e vem enriquecer a galeria de filmes infantis de fantasia e ficção científica, como *A Princesa e o Robô* (1983), de Maurício de Souza. No século 21, o tema da ecologia ressurgiu em *Acquaria* (dir. Flávia Moraes, 2004), filme centrado na carreira musical dos atores principais, e Ivan Cardoso reaparece com *Um Lobisomem na Amazônia* (2005), inspirado na obra de Gastão Cruis.

É sabido que grande parte da filmografia de ficção científica mundial é inspirada ou baseada na literatura do gênero. Seguindo esse costume, outros filmes brasileiros de ficção científica também aproveitaram a literatura do gênero, como o curta *O Fim* (1972), de Elie Politi, adaptação do conto de mesmo título de Fredrick Brown, sobre viagem no tempo, e que reproduz o palíndromo do texto original, ou *Alguém* (1980), longa de Júlio Silveira baseado no conto "O Mudo", de André Carneiro.

Depois dessa rápida viagem pela ficção científica no cinema brasileiro (num trajeto que, infelizmente, por motivo de espaço e acesso a cópias, deixou de fora vários outros títulos relevantes), podemos reconhecer basicamente duas correntes principais. Uma predominante, híbrida e assumidamente antropofágica, ligada à comédia desde muito tempo, e que se apropria dos mais diversos temas da ficção científica para trabalhá-los na chave da paródia. A outra uma ficção científica mais "depurada", rara e de intenções mais sérias, da qual sobressaem filmes debruçados sobre a problemática ambiental (*Parada 88*, *Abrigo Nuclear*).

Enquanto em Hollywood a ficção científica é empreitada de grandes estúdios, sendo praticamente sinônimo de efeitos especiais, no Brasil o gênero é pouco explorado comercialmente. Mas vale a pena notar que, mesmo em período de escassez da produção cinematográfica nacional, a ficção científica esteve presente (vide *Oceano Atlantis* e *O Efeito Ilha*).

A justificativa mais comum para a história discreta do cinema brasileiro de ficção científica baseia-se na falta de dinheiro. Segundo ela, o gênero demanda cenários elaborados e efeitos especiais. Para Adam Roberts, ficção científica no cinema é sinônimo de efeitos especiais (Cf. 2000, p. 152-3). Mas será mesmo que o gênero depende tanto assim dos efeitos e, por conseqüência, fazer cinema de ficção

científica custa muito mais caro do que outros gêneros? E os filmes que prescindem de efeitos especiais sofisticados, explorando outro veio de criatividade? É bem provável que fatores de ordem cultural reforcem os de ordem econômica na suposta inviabilidade do filme de ficção científica brasileiro, obstáculos já comentados por M. Elizabeth Ginway em *Ficção científica brasileira: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*, e que teriam a ver com a supervalorização do romance realista e com o histórico brasileiro de subdesenvolvimento.

De toda maneira, creio que o breve panorama aqui apresentado comprova a existência de uma ficção científica no cinema brasileiro, ainda que diversa das vertentes mais notórias do gênero. Antropofágica, contingente, auto-irônica, carnavalesca, híbrida, a ficção científica insiste em sobreviver no nosso panorama cinematográfico, ainda que suas emissões, tímidas e esparsas, sejam raramente detectadas por nossos radiotelescópios artísticos.

Referências bibliográficas:

CUNHA, Fausto. A ficção científica no Brasil: um planeta quase desabitado. In: ALLEN, L. David. *No mundo da ficção científica*. São Paulo: Summus, 1976, p. 5-20.

FERREIRA, Jairo. "Vôo entre galáxias". *Filme cultura*, São Paulo, nº 45, mar/1985, p. 82-4.

GINWAY, M. Elizabeth. *Ficção científica brasileira: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*. São Paulo: Devir, 2005.

ROBERTS, Adam. *Science fiction*. London: Routledge, 2000.

SILVA NETO, Antônio Leão da. *Dicionário de filmes brasileiros*. São Paulo: A. L. Silva Neto, 2002.

SUVIN, Darko. *Metamorphoses of science fiction – on the poetics and history of a literary genre*. New Haven/London: Yale University Press, 1979.

Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia é jornalista especializado em Letras e Literatura, mestre e doutorando em Multimeios-Cinema (UNICAMP), e bolsista CAPES.

¹ Conceito trabalhado por Darko Suvin em *Metamorphoses of science fiction* (New Haven/London: Yale Univ. Press, 1979). O *novum* é qualquer elemento, seja um artefato técnico, fenômeno natural ou de fundo social, que promove a descontinuidade, isto é, desperta no leitor (ou espectador) a impressão de que aquele mundo ficcional que lhe está sendo apresentado é significativamente diverso do mundo de sua experiência.

UMA HOMENAGEM AO BORGES LEITOR

Bernardo Esteves

Antologia de contos reúne narrativas de ficção científica e literatura fantástica que dialogam com a obra do argentino

A interface da prosa do argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) com a literatura fantástica e a ficção científica é bastante conhecida. Suas narrativas curtas imortalizaram cenários e personagens fabulosos, em todas as acepções do termo. Bons exemplos do diálogo dos contos de Borges com o

universo fantástico são a descrição da biblioteca imaginária que reuniria todos os livros escritos, não escritos e ainda por escrever ("A Biblioteca de Babel", em *Ficções*); o relato da descoberta de um objeto que conteria em um único ponto todo o universo ("O Aleph", no volume homônimo); ou a história da civilização na qual os cartógrafos atingiram um grau tamanho de apuro que faziam mapas em escala 1:1, do tamanho exato do país representado ("Do Rigor na Ciência", em *A história universal da infâmia*).

É notória também a bagagem literária de Borges e a intertextualidade que marcou sua produção ficcional. Da infância até o final da vida, quando já se encontrava cego, o argentino foi um leitor ávido, que consumiu um volume impressionante de prosa e poesia. Suas leituras povoaram sua imaginação com um vasto repertório de situações e uma galeria de personagens que seriam reprocessados e reinventados em sua literatura. A prosa de Borges é uma complexa teia de referências, coalhada de citações recorrentes, tanto de autores consagrados quanto de nomes obscuros e até de obras fictícias.

Nada mais apropriado, portanto, do que empreender um trabalho de resgate de alguns dos principais nomes da ficção científica, da literatura fantástica e de mistério que inspiraram Borges. Esta é a missão que o escritor e compositor Braulio Tavares abraçou em uma antologia de contos recém-publicada. Editor de uma coletânea de contos fantásticos brasileiros, organizador da primeira bibliografia do gênero no Brasil e escritor ele próprio de narrativas fantásticas, Tavares tem o cacife para empreender essa tarefa de vulto.

O resultado é uma antologia notável: *Contos Fantásticos no Labirinto de Borges* reúne dezoito narrativas borgianas, que dialogam de alguma maneira com a obra do escritor argentino. Alguns desses contos são influências confessadas, admitidas pelo autor das *Ficções*: "O ovo de cristal", por exemplo, do britânico H. G. Wells, foi assumidamente reconhecido por Borges como um ponto de partida para alguns de seus relatos. De fato, o misterioso ovo em torno do qual gira a narrativa de Wells – um possível dispositivo extraterrestre para a observação do cotidiano dos terráqueos – e a forma como foi encontrado lembram muito as circunstâncias que cercam a descoberta do *Aleph* no relato homônimo do argentino.

A organização da antologia foi motivada pelo tributo que Borges presta a H. G. Wells no epílogo de *O Aleph*. A coletânea inclui ainda contos de outros autores que freqüentaram a cabeceira do argentino: alguns deles foram pinçados de coletâneas organizadas pelo próprio Borges. Entre eles, estão "Os Prisioneiros de Longjumeau", do francês Léon Bloy (a história de um casal que não consegue sair da cidadezinha em que viviam, tal como os convidados do banquete do filme *O Anjo Exterminador*, de Luis Buñuel), ou "O Abacaxi de Ferro", do britânico Eden Phillpotts – a misteriosa história de um homem que se apega a um objeto e se deixa levar por ele às últimas conseqüências.

Outras referências que nortearam a seleção da antologia foram buscadas em prefácios, traduções e comentários feitos por Borges. "O Artista da Fome" – um angustiante relato sobre a decadência de um jejuador que se apresentava em circos – foi traduzido por ele junto com outros contos do tcheco Franz Kafka; "A Terceira Expedição", do norte-americano Ray Bradbury, foi prefaciada por ele, que qualificou esse conto – o relato de como marcianos usam da ilusão para ludibriar exploradores terrestres – como o mais alarmante do volume em que estava incluído, por seu horror metafísico.

Contos Fantásticos no Labirinto de Borges reúne autores conhecidos do público brasileiro, mas também nomes mais obscuros, cuja publicação ou republicação em português é muito bem-vinda. Entre eles, vale mencionar o norte-americano Nelson Bond, cujo conto "A Livraria" abre o volume com a envolvente história de um estabelecimento que vende apenas livros que nunca foram lançados – como uma versão de Shakespeare para *Agamenon* ou supostos *Novos Casos de Sherlock Holmes*, por Conan Doyle – uma possível influência para "A Biblioteca de Babel", publicada três anos depois?

A antologia reúne nomes consagrados da ficção científica, como os já citados Wells e Bradbury, mas deve chamar a atenção do leitor brasileiro a inclusão de nomes mais comumente associados à literatura policial. Entre eles, estão o britânico Gilbert K. Chesterton, presente em um conto no qual seu detetive mais notório, o Padre Brown, desvenda uma misteriosa decapitação, ou o norte-americano Ellery Queen, cujo "Roubo do Selo Raro" é um feliz expoente da narrativa detetivesca clássica, em que o investigador soluciona o enigma com uma mirabolante dedução, feita diante dos principais suspeitos reunidos. A inclusão do gênero policial em uma antologia de contos fantásticos é justificada por Braulio Tavares no ensaio que encerra o livro:

(...) para Borges o conto de detetive pertencia ao fantástico, mas um tipo de fantástico intelectual, e não sobrenatural. Creio que com isto ele queria ressaltar o caráter artificial e não-realista desse tipo de história. O conto policial não é uma literatura fantástica onde ocorram fatos sobrenaturais, ou em que se dê a violação das regras da natureza e do mundo físico em que

vivemos. É fantástico porque postula um excesso de rigor que a realidade não apresenta. É como se descobrissemos um rio em linha reta ou uma pedra perfeitamente esférica. Nesse sentido, caberia ao conto policial o rótulo que Guimarães Rosa sugeriu para suas próprias histórias: "álgebra mágica". (p. 248)

A antologia presta uma homenagem ao Borges leitor e nos convida a um exercício de releitura da prosa de Borges à luz dessas narrativas. O organizador tenta mostrar como a influência deve ser considerada uma via de mão dupla, "em que o texto mais antigo influencia o autor do texto mais recente, e em contrapartida tem sua leitura modificada pela existência deste".

Apresentado em uma edição bem-cuidada, enriquecida pelas enigmáticas ilustrações de Romero Cavalcanti e pelo ensaio de Braulio Tavares ao final, *Contos Fantásticos no Labirinto de Borges* é um lançamento a ser festejado, que decerto agradará aos leitores do maior dos escritores argentinos e aos fãs da literatura fantástica e de mistério.

Ficha técnica

Contos Fantásticos no Labirinto de Borges

Seleção e apresentação: Braulio Tavares

Ilustrações: Romero Cavalcanti

Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

Nº de páginas: 288.

Preço: R\$ 39,90.

Bernardo Esteves (estevesb@yahoo.com) é jornalista especializado em ciências e editor da *Ciência Hoje On-line* (www.cienciahoje.org.br)

"UNEARTHLY COMPANION"

Resenha por Ana Cristina Rodrigues

HEGEDUS, Ilona. *Unearthly companion*. Budapeste: 2005, edição da autora, 54 pgs.

O primeiro livro da escritora húngara de Budapeste mostra o que nós, brasileiros, podemos estar perdendo ao não prestar atenção na produção mais recente da literatura fantástica fora de seus eixos dominantes (notadamente, por estas nossas praias, EUA e Inglaterra). Tradutora e resenhista, a jovem teve trabalhos publicados em diversas publicações, tanto em seu país de origem como fora dele. Mas assim como muitos dos nossos escritores iniciantes, ela optou por uma publicação independente, que pode ser adquirida pela internet.

Aliás, foi na divulgação via Web que Ilona achou o seu nicho de divulgação. Por meio de seu site, e de diversas revistas online, a autora conseguiu tornar seus escritos conhecidos. Mesmo fora do Brasil, a rede internacional tem se tornado a forma mais comum para novos autores lançarem-se na mídia, em um movimento que subverte as formas tradicionais de publicação.

Agora, o que tem nesse livro já é algo que não se vê com frequência na nova geração de escritores fantásticos brasileiros. Aliás, salvo engano, nem nas anteriores. A edição compila quarenta e um poemas que variam entre o Terror, o Horror, o Fantástico e a Ficção Científica. Não espere poemas puramente líricos, sobre abstrações, sentimentos e idéias. Como é avisado na folha de rosto, nesse livro contam-se histórias. Quase como se tivéssemos pequenos contos, mas que ao invés de narrados simplesmente, fosse feitos para a declamação.

São histórias de amor, de mistério, de dor, de guerra, de morte, de tristeza. Temas diferentes, tratados de forma sintética, musical, ritmada – mas sem preocupação com métrica. Essa liberdade permite um lirismo diferenciado, que pode causar estranhamento a quem a isto não está habituado.

A ligação entre elas é tênue, e nem sempre se aplica, e certamente não é óbvia.

No entanto, de uma forma ou de outra, a grande maioria desses poemas fala de seres estranhos e deslocados, aqueles que estão fora do seu lugar – e aí está sua verdadeira identidade (em comum).

Aliens, vampiros, espíritos, clones, robôs, exilados dimensionais, computadores com alma: estes são algumas das personagens que povoam o universo traçado por Ilona no seu "companheiro não-terrestre". Todos procurando algo, tentando encontrar a sua própria razão de existir, como em "Copy", onde um clone indaga-se sobre seu destino, ao descobrir-se incapaz de satisfazer o desejo de seu criador.

A desesperança em relação ao homem e à humanidade também transparece como um elemento de ligação. Poemas que traçam quadros pessimistas do futuro da raça humana, como em "Museum", onde somos apresentados a um museu onde, mais de quinhentos anos no nosso futuro, descobrimos que nós tornamos relíquias. Ou em "Frozen City", transformados nas testemunhas silenciosas do último ato de amor de um apaixonado, no enterro solitário da mulher amada em um tempo onde toda a civilização perdeu-se e o mundo é neve.

Para completar o breve panorama da obra, há alguns poemas que não se encaixariam – pelo menos não tão aparentemente. "The bones won't tell" é uma mini-saga épica de fantasia, comprimida em duas páginas. A história de uma família real amaldiçoada e a sua decadência está lá, na busca por um cego que poderia evitar o fim trágico.

"When myths are born" tornou-se marcante pessoalmente por tratar do, como diz o título, "nascimento dos mitos". Um velho guerreiro escreve a história dos dias que passou em batalha, mas não a verdadeira. Coloca detalhes de coragem e valentia, pois vivenciou a queda dos próprios valores que defendia. Como diz o início do poema:

*"Quando o amor e a devoção tornam-se luxúria
e, então, cinzas,
quando a fé é deslocada
pela rivalidade e pela amargura,
então chega o tempo para o escriba
de fazer a crônica
para a grandeza e o heroísmo
que permaneceram"*

Para o historiador, estas deveriam ser palavras guardadas no coração e na mente, para lembrar do porquê as crônicas, as memórias, serem escritas: para a grandeza e o heroísmo que permaneceram.

Finalmente, de todos os poemas apresentados no livro, no geral muito bons, um surge com lirismo romântico inesperado. "Oath" transcreve um voto de proteção e aliança, que merece ser traduzido na íntegra:

*"Eu irei proteger-te
da lua e das estrelas,
Eu irei proteger-te
das tempestades de raios internas e externas,
e eu te darei abrigo
das pervertidas noites famintas.*

*Em troca, poupa-me das minhas próprias bestas,
criaturas carnívoras
de sedosa luz de verão.*

*Eu prometo que não irás dividir
o que é tão precioso
para todos que desejam seu renascimento
e continuar suas vidas”*

Apesar de ainda transparecer um deslocamento, um não-pertencimento que se expressa na necessidade de ser protegido por si próprio, é um poema romântico – o mais romântico de todos. E que não deixa de ter o tom de fantástico, de maravilhoso e de estranhamento, presentes em todos os demais.

Este é o tom de *Unearthly Companion*. Traz-nos impressões de pequenas histórias, em universos fantásticos e oníricos, em um meio termo interessante e renovador de prosa e poesia. Uma obra que, sem dúvida, merece ser conhecida por aqueles que se interessem por literatura fantástica em geral.

Para maiores informações sobre a autora e como adquirir o livro:

<http://ilonahegedus.topcities.com/>
<http://www.ilonasworld.blogspot.com/>

"SAN JUAN ROMERO"

Miguel Carqueija

Resenha de "*San Juan Romero*", de Rita Maria Felix da Silva, uma escritora de Recife, que até aqui só publicou no mundo virtual -- este conto saiu na página www.bocadoinferno.com

Este conto é apresentado como "uma aventura de Sir James Winterwood", o que sugere uma série. A época parece ser a do Velho Oeste norte-americano, mas a ação se passa num lugarejo obscuro do México, que dá título à história.

Sir James é um personagem de passado estranho, algo semelhante a certos tipos itinerantes como Indiana Jones, que percorrem o mundo vivenciando aventuras loucas. O que torna o texto de Rita mais interessante é o caráter minimalista da narrativa, que coloca o leitor dentro da trama, quando tantos autores parece que só sabem escrever resumos, mantendo os leitores do lado de fora, observando de longe.

Apesar do detalhismo caprichado, a história é enxuta, econômica, sem perder tempo com inutilidades.

Quanto ao enredo, versa sobre a maldição que pesa sobre um povoado cujos habitantes carregam uma culpa insuportável, por terem cedido ao medo e praticado um crime inominável por imposição de um bandoleiro.

A narrativa sugere poderes paranormais no protagonista, quando ele descobre a verdade sobre o destino trágico do Padre Rodriguez, apenas sonhando. O ponto alto da história, em sua dramaticidade, é na hora em que o castigo se abate sobre a vila e o espectro do sacerdote assassinado dirige a James estas sinistras palavras: "Você não pertence a isso. Vá embora."

Esta narrativa aguça a curiosidade em torno do personagem principal e, misturando aventura com terror, merece ser publicada em veículos de categoria, revelando uma autora criativa e vigorosa.

INTRUSO EM VALMAR

Gerson Lodi-Ribeiro

"É destino dos primogênitos chegarem na escuridão
"E olharem primeiro para as estrelas.
"Grande luz haverá para seu declínio."
[O Silmarillion]

No fundo, foi a afobação dos orcs que salvou minha vida.

Tivessem aguardado o anoitecer e, albergados pelas trevas, teriam me colhido qual fruto maduro.

No entanto, mal apeei da montaria, sob a cobertura frondosa da última araucária, rente à beira do precipício, o animal mostrou-se inquieto, os cornos minúsculos frementes, resfolegando pelas narinas, como que a sentir cheiro nauseabundo.

Desconfiado, saquei da narsil. A lâmina emitiu o brilho azul preocupante. Indicador seguro da presença de orcs nas redondezas.

Ao toparem com a lâmina friígneia da narsil, os três inimigos decidiram que a tática da emboscada fracassara. Saltaram, portanto, de trás do rochedo onde se escondiam. Em meio a urros guturais, lançaram-se ao ataque.

Não houve tempo para abraçar o escudo, preso ao alforje da montaria, pois que os inimigos estavam praticamente sobre mim. Tampouco cogitei armar o arco de freixalvo que levava às costas.

A única ação que me restou foi enrustar a narsil com firmeza. Brandi a lâmina extremamente leve e, no entanto, mais dura e afiada que o melhor aço forjado pelos humanos de outrora. Preparei-me o melhor que pude para me defender das três criaturas peludas hediondas, que avançavam armadas de clavas e adagas.

O primeiro atacante ergueu maça pesada acima da cabeça, descendo-a com violência, num ímpeto de me rachar o crânio como a um melão sazonado. Esquivei-me para o lado no último instante. A cabeçorra da maça atingiu o solo revestido de capim ralo com impacto seco. Ato contínuo, como que dotada de vontade própria, a narsil subiu e desceu assoviante, ceifando-o quatro dedos abaixo da nuca.

A cabeça decepada foi parar entre as pernas do segundo orc. O terceiro viu-se momentaneamente cego pelo jorro de sangue ácido, esguichado fumegante do corpo decapitado, um instante antes desse se desarmar e cair como um saco de batatas vazio.

Por incrível que pareça, o evento macabro deixou-os sem ação por um instante. Foi tudo o que a narsil precisou para terminar o serviço. Impulsionada por meu braço, mais fulgurante do que nunca, a lâmina élfica ondulou através do tórax de um dos orcs, perfurando-o entre as costelas, direto no coração. Não esperei pelo resultado, pois que já me ocupava em cortar a goela do terceiro, que se acercava de sabre em riste.

Só então, aplacado meu furor berséquico, pude olhar em torno, recém-saído do transe para constatar que os três cadáveres dos orcs, deformados em vida, não se tornaram mais bonitos com a morte...

Tolos! Houvessem cultivado um pouco mais de paciência, e seria eu que jazeria estendido nesse sereno frio, à beira do Cânion Itaimbêl.

Fitei a narsil. Apesar de ensangüentada, a lâmina não fulgurava mais. Só refletia o luar em seu gume baço. Suspirei aliviado. Não havia mais orcs por perto.

Em verdade, jamais imaginei que tais criaturas malformadas ousassem tramar emboscadas, tão próximo à ponte etérea de Itaimbêl. Afinal, do outro lado do cânion estava a cidadela élfica de Valmar, de onde os Lordes-Eldar governavam Arda desde antes do primeiro humano ser criado.

Não desconfiei então que tamanha ousadia dos orcs talvez constituísse um agouro de que havia algo profundamente errado.

* * * * *

Pela manhã bem cedo, deixei para trás a sombra da araucária gigantesca.

Mal dobrei a última curva do penhasco e constatei que a majestosa ponte etérea não existia mais.

Que prodígio era este? Apesar de imaterial, erigida a partir da condensação de névoas e neblina, a ponte sempre estivera ali, desde a aurora dos tempos. Pelo menos, desde uma época muito anterior à do advento dos primeiros humanos.

Não havia vestígios. Muito menos ruínas... O artifício mágico complexo e misterioso que mantivera a ponte etérea suspensa, conectando os dois lados do Cânion Itaimbêi, ligando assim a capital do reino dos elfos aos domínios acessíveis aos humanos, não atuava mais.

Apeei e pressionei o corno peludo da montaria, apertando a protuberância óssea redonda da extremidade, para comunicar meu desejo de que ele se mantivesse ali parado à minha espera.

Cauteloso, aproximei-me o máximo possível da borda íngreme do paredão rochoso, que se despenhava mais de um quilômetro até o fundo do cânion, onde as águas revoltas do rio corriam prateadas, faiscando com reflexos metálicos, talvez, devido às pedras, impossíveis de vislumbrar daquela altura, porém intuídas por entre a névoa úmida.

Embora quase verticais em ambos os lados do cânion, os paredões rochosos não eram de todo desprovidos de vegetação. Ao contrário. Chumaços de floresta vigorosa, com arbustos entrelaçados, e até algumas árvores de troncos compridos e esguios, vicejavam nas encostas a pique, valendo-se das menores reentrâncias ou prateleiras para se erguerem, em meio à neblina densa que se elevava a partir das águas agitadas que corriam muito abaixo.

Mesmo que eu pudesse descer, agarrado às árvores e arbustos, como atravessaria o rio? Decerto que humano algum seria capaz de enfrentar tamanha correnteza... Haveria, acaso, um caminho entre as pedras que quiçá salpicassem o leito do rio? Poderia uma seta, disparada de uma das margens, cravar-se no tronco de uma árvore da margem oposta?

E então? Mesmo que eu lograsse atingir a outra margem, como escalar um quilômetro de rocha e mata fechada daquela floresta vertical impenetrável?

No entanto, eu precisava cruzar os portais lendários de Valmar. Pois havia sido o escolhido para buscar as respostas.

A morrer condenados, nós humanos precisávamos descobrir o que fora feito dos nobres eldar, que outrora compartilharam conosco seus conhecimentos e sabedoria, que em tempos de antanho reinaram incontestes por toda Arda, ensinando aos humanos as palavras dos Valar.

Sobretudo, precisávamos saber porque Ilúvatar não nos falava mais.

Por que motivo o Criador de todas as coisas mantinha-se há tantas eras em silêncio?

* * * * *

Acaricieei os cornos da montaria, indicando que ela deveria regressar à minha vila natal. Sem a ponte etérea, o hexápode perdeu a utilidade no momento em que decidi arriscar tudo, descendo precipício abaixo, para depois tentar escalar o paredão do lado oposto. Ante meu êxito improvável, não fazia sentido deixar o animal à minha espera num sítio onde, ao que tudo indicava, acabaria por se tornar presa da sanha assassina dos orcs.

A descida não foi tão árdua quanto imaginei a princípio.

Com minhas botas especiais e uma boa linha de mithril passada por trás dos troncos ou dos caules mais robustos, consegui descer de uma árvore para a seguinte, de um arbusto até o próximo — por vezes dependurado na rocha vertical, dezenas de braças da plataforma mais próxima, porém nunca correndo grande risco — até chegar à praia estreita do rio, que corria violento cânion adentro. Somente por duas vezes escorreguei pela superfície petrosa áspera do paredão, parando a muito custo, doze ou mais braças abaixo, numa das ocasiões apenas com o auxílio oportuno da narsil, que consegui espetar na pedra escura.

Em pouco menos de catorze horas, calquei as solas de minhas botas nas areias finas da praia.

Ali embaixo, o filete delgado e prateado do rio transformara-se numa tromba caudalosa, rugidora, tonitruante através do ar saturado de neblina e umidade.

Lancei o olhar até o cimo distante do penhasco. Dali, a parede de árvores e arbustos enfezados erguia-se como muralha contínua de um verde escuro sinistro, apavorante, nublado pela névoa aquosa.

Entre os dois paredões gêmeos, igualmente florestados, vislumbrei a faixa estreita de anil do céu vespertino, baça e sem brilho, devido à neblina.

Grosso modo, o Cânion Itaimbêi corria de oeste para leste. Assim, mesmo no poente, o fundo do desfiladeiro permanecia iluminado. Não havia, contudo, luz suficiente para que eu ousasse a travessia da correnteza, muito menos para que iniciasse a escalada do paredão oposto, façanha portentosa que, estimei, consumiria pelo menos dois dias, caso conseguisse galgar o active íngreme desde a alvorada até o cair da noite.

Por isto, decidi catar lenha para acender uma fogueira. Empilhei a braçada de galhos secos junto a uma reentrância do paredão, num ponto onde a praia do rio tornava-se um pouco mais larga. Catei o santelmo do fundo da mochila. Ativada, a relíquia eldar produziu uma chama azul clara fina e comprida, com a qual acendi a fogueira logo à primeira tentativa.

Após uma refeição frugal de lembas, consumida tão logo a noite se fez, usei a mochila à guisa de travesseiro, enrolei-me no manto élfico para me manter aquecido, não obstante o frio úmido e penetrante do fundo do cânion, e me acomodei o melhor possível para dormir.

Das profundezas do Itaimbêi não pude contemplar o céu estrelado.

Nem mesmo as estrelas mais brilhantes deram o ar de sua graça.

Tampouco Silmaril, a estrela fixa fulgurante, protetora da humanidade, mostrou-se visível através da neblina espessa. Considerei mau augúrio não poder sequer vislumbrar aquele facho benigno, cujo resplendor constante e posição imutável num mesmo ponto do céu noturno, abençoava minha estirpe desde o começo dos tempos.

Ainda assim, orei aos Valar. Mesmo temeroso de que, sem o fulgor de Silmaril ante meus olhos, eles não me pudessem ouvir as preces. Ou que, ouvindo-as, não fizessem caso delas.

* * * * *

Ao acordar na manhã seguinte, constatei que a fogueira já se havia transformado numa pilha de cinzas mornas.

Mastiguei uma fatia de lembas e preparei-me para partir.

Caminhei uma légua ao longo da praia estreita. Não encontrei pedras entre as quais eu pudesse saltar até atingir a margem oposta.

Passei, então, ao plano seguinte.

Empunhei o arco de freixalvo que estava em minha família há dezesseis gerações, época em que os elfos ainda vagueavam pelas terras governadas pelos reis Edaim. Tomei uma seta da aljava. Distendi a corda do arco e mirei no tronco nodoso de uma árvore grossa que se erguia na outra margem do rio, cerca de cinquenta braças de distância do ponto onde eu me encontrava.

Sustive a respiração e disparei.

A seta voou, levando amarrada em sua haste a linha fina indestrutível trançada com fios de mithril. A ponta aguçada afundou profunda no tronco enrugado.

Testei a linha com um puxão da mão enluvada. Não consegui arrancar a seta da árvore. Suportaria meu peso acrescido pelo arrasto da correnteza? Era bom que agüentasse! Caso contrário, eu seria irremediavelmente carregado, talvez até a Garganta de Morgoth, de onde me espatifaria catarata abaixo.

Voltei a calçar a outra luva. Atei a mochila às costas e amarrei o melhor que pude meus demais pertences ao tórax e à cintura.

Retesei a linha e ingressei, cauteloso, na correnteza célere e vigorosa do rio.

Com água pelas canelas, escorreguei pela primeira vez e quase perdi o pé.

Antes que a água fria me enregelasse as importâncias, constatei que já não me era mais possível manter os pés sobre o leito do rio por mais do que alguns segundos.

Então, desisti de tentar e, agarrando-me à linha com todas as forças, lancei-me de peito aberto à correnteza, envolto em água gélida até a altura dos ombros, valendo-me apenas das mãos enluvadas para bracejar vagarosamente, num avanço doloroso interminável, rumo à segurança da margem oposta. Os músculos dos braços latejavam, veros nós encordoados, a ponto de eu julgar que explodiriam a qualquer instante em câimbras mortíferas, que me fariam soltar a linha fina, tão esticada quanto a corda de um arco distendido.

Em momento algum, a seta ameaçou desprender do tronco onde estava espetada. Contudo, quando calquei afinal as areias da praia da outra margem, sentia-me tão exausto e ofegante, que sequer tive forças para exalar um suspiro de alívio. Tão-só em espírito pude eu proferir uma prece de gratidão à benevolência de Ilúvatar.

Desabei na areia úmida, tremendo de frio e cansaço. Devo ter desmaiado, pois quando dei por mim o sol já ia a pino, fulgindo com seus raios cálidos no zênite da faixa azul, surpreendentemente límpida e brilhante.

* * * * *

Se acaso imaginei que a descida pelo paredão sul do Itaimbê e a travessia da correnteza foram empresas árduas, tal se deu apenas por eu não ter ainda tentado galgar até os píncaros vertiginosos do paredão nortenho.

Ali o progresso até cada novo tronco ou caule pareceram epopéias de execução impossível. Por várias vezes fui obrigado a fincar narsil na rocha sólida para me impedir de escorregar para a morte certa. Doutras feitas, tive que me valer do recurso arriscado de disparar uma flecha certa sobre um tronco mais alto, para então me guindar através da linha de mithril retesada, que me feria os dedos, ainda que esses estivessem protegidos pelo couro das luvas, nas ocasiões em que estive suspenso, dependurado em alturas de quarenta ou cinqüenta braças.

Comecei a escalada bem cedo pela manhã. Parei uns poucos minutos sobre uma prateleira estreita por volta do meio-dia, para mastigar uma fatia de lembas. Retomei a subida, só parando outra vez, mais de duzentas braças acima, quando o sol estava prestes a tocar o horizonte, pois que afinal encontrara a plataforma ansiada, que temi não ser capaz de enxergar, caso escurecesse por completo.

Não havia lenha bastante na plataforma para uma fogueira decente, capaz de durar a noite inteira. Mesmo assim, com os galhos que consegui reunir, acendi um fogo baixo, para me aquecer pelo menos um pouco. Jantei nova fatia de lembas e tomei um gole generoso do pequeno odre de hidromel que traziano fundo da mochila. O néctar miraculoso expandiu-se por minhas entranhas, deixando-me com uma sensação agradável de calor, que se espalhou aos poucos do abdome até meu peito, braços e pernas, até atingir as bochechas e a fronte, não obstante a brisa enregelante e a umidade terrível da noite junto ao paredão norte do Itaimbê.

Envolto por aquela calidez de origem élfica e por meu manto termal, consegui dormir naquela plataforma íngreme, sem ao menos sentir frio. Pouco antes de adormecer, tive o privilégio de vislumbrar o fulgor incomparável de Silmaril, que brilhou por alguns minutos através de uma nesga aberta na neblina, como olhar ciclópico ardente e imutável, capaz de me proteger de todo o mal.

Na manhã seguinte, ao pensar na grande estrela congelada na fenda celeste estreita do cânion, julguei o evento tão improvável que cheguei a questionar se a visão fora sonho ou realidade.

* * * * *

Não houvesse árvores e arbustos, plataformas e prateleiras rochosas, e a escalada daquele paredão quase vertical ter-se-ia revelado impossível. Ao menos para um humano solitário. Possuísse eu os sentidos aguçados e a destreza sobre-humana de um elfo eldar, talvez houvesse logrado subir por tão íngreme escarpa, qual shelob ardilosa, mesmo sem recorrer às árvores e à linha de mithril. Contudo, como humano que sou, a morrer condenado, dei graças à bondade infinita de Ilúvatar, por ter proporcionado troncos robustos, nos quais minha linha se pôde prender e as pontas de minhas setas se puderam cravar.

Ao final do segundo dia de escalada, quando meus músculos tremiam de exaustão e eu forcejava em vão para galgar as últimas dezenas de braças de paredão que me separavam do cume do cânion, julguei-me perdido quando percebi que não conseguiria concluir a ascensão antes do escurecer, e tampouco encontrar uma prateleira ínfima sequer, onde pudesse passar a noite.

O sol afundou na extremidade poente do cânion, lançando um manto de sombras ermas entre os paredões profundos do Itaimbê.

Quedei-me desamparado. Fosse eu um elfo, e minha visão noturna me guiaria. Eu não precisaria dormir à noite, sequer descansar. Orgulhoso, ascenderia o cimo da garganta quilométrica. Porém, humano sou e, como tal, tornei-se cego e inerme na escuridão completa que reinou naquele cânion que separava o mundo dos homens e mulheres mortais do domínio encantado dos primogênitos de Ilúvatar.

Roguei uma prece aos Valar no melhor eldarim que foi capaz de proferir.

Eis que a névoa espessa se dissipou por um instante e, em meio a um clarão ebúrneo, Silmaril fulgiu em todo seu esplendor, clareando aquela noite escura de lua nova.

Pude então vislumbrar, não com a certeza da visão perfeita, mas com a segurança de uma revelação valar, a prateleira estreita, uma dúzia de braças acima da minha cabeça, donde brotava uma única árvore de tronco oblongo.

Num átimo de júbilo, tomei de meu arco, retirei uma seta da aljava, atei-lhe a linha de mithril e disparei a corda retesada.

Atingi o centro do tronco esguio com precisão eldar.

Sem grande esforço, animado que estava sob o brilho protetor da Salvaguarda da Humanidade, alcei-me até a prateleira, onde pude enfim relaxar os músculos doridos e passar a noite em segurança, embalado na certeza de que na manhã seguinte estaria ante os portais da cidadela de Valmar.

* * * * *

Os portões de bronze dourado da cidadela reluziam abertos sob os raios do sol do meio da manhã. Os altos-relevos lavrados em sua superfície resplandeciam como ouro líquido, retratando panoramas intrincados, cenas de batalhas e proezas heróicas desconhecidas do folclore e das tradições edaim que aprendi na viia em que cresci. Havia ali humanos e elfos, ambas as estirpes trajadas com vestes bizarras e portando bastões que pareciam emanar raios de luz. Estranhamente, eldar e edaim não se faziam acompanhar pelos Valar. Tampouco me deparei com o fulgor benfazejo de Silmaril. Havia, por outro lado, criaturas fantásticas, nem bem humanas, nem animais, que compartilhavam com a progênie de Ilúvatar os vários cenários representados nos portões. Também existiam seres anômalos, algo semelhantes aos humanos, mas com os corpos inteiramente revestidos por armaduras metálicas.

Várias dessas criaturas humanas e não-humanas surgiam por vezes no interior de carruagens esquisitas. Completamente seladas num material semelhante a metal brilhante, alguns dos veículos pareciam vomitar fogo e não pareciam dispor de hexápodes para puxá-los. Não vi orc algum retratado nos portões, mas havia, aqui e ali, criaturas atarracadas, de baixa estatura, que imaginei serem os anões que, segundo nossas lendas, outrora partilharam Arda com elfos e humanos.

Alguns dos cenários revelavam perspectivas sem relação com a realidade, com céus iluminados por dois sóis e noites clareadas por três ou mais luas, nenhuma delas igual à lua que alumia Arda.

Embevecido com essas cenas dos portentos de antanho, custei a dar pela ausência de sentinelas nas torres que ladeavam os portões. Fato deveras inusitado, pois imaginei que minha presença ali seria de pronto desafiada, tendo em vista a proibição milenar de que humanos ingressassem em Valmar.

Desvencilhei-me a custo das narrativas enigmáticas, lavradas no bronze dos portões escancarados na muralha alta, e ingressei na cidadela.

Caminhei até uma praça ampla em frente as torres dos portões, de onde partiam três avenidas, para o leste, norte e oeste.

Por mais que eu vasculhasse as calçadas e os prédios imaculadamente brancos da praça, não havia o mínimo sinal de elfos. Ninguém para saudar minha chegada; tampouco punir minha invasão.

Cruzei a praça e escolhi a avenida larga que seguia para o norte, por ser a que me pareceu a continuação natural do caminho que eu trilhara até então. Caminhei pelo meio da via, lançando olhares freqüentes aos prédios alvos e oblongos que se erguiam das calçadas espaçosas, tão brancas quanto eles. Não havia, quer nos belos edifícios avarandados, quer na avenida em si, o menor sinal de lixo, poeira ou qualquer outro traço que denotasse abandono. Era como se todos os habitantes da cidade se houvessem reunido num único sítio, deixando todo o resto da metrópole deserta. Como se houvessem deixado seus afazeres de súbito para se congregarem para um evento específico.

O som dos meus passos ecoavam no silêncio da avenida. Onde estavam os cidadãos de Valmar? Por que se ocultavam de mim? Pois era óbvio, pelo estado de conservação da cidade, que ela não estava, em absoluto, vazia.

Continuei andando pela avenida interminável até o meio-dia, quando decidi parar sob a marquise de um prédio particularmente alto, para uma refeição de lembas. Saciado, resolvi fazer uma pausa em minha peregrinação avenida adentro e explorar um pouco o prédio cujas portas se haviam aberto de par em par, tão logo me instalei debaixo da marquise.

O átrio possuía mobiliário reduzido, de talhe invulgar. Peças de mobília diferentes tanto das mesas, cadeiras e arcas que usamos em nossas residências e oficinas, quanto dos móveis de estilo eldar, que conheci nos museus dos reinos edaim e nos palácios dos dún-edaim mais abastados.

Havia uma escadaria desprovida de corrimão ou guarda-corpo, com degraus de pedra escarlate, que conduzia aos andares superiores.

Aproximei-me de um vasto espelho opaco engastado numa das paredes.

Quando distava cerca de uma braça, a superfície lisa e fosca se iluminou com a imagem colorida de uma mulher.

Através de uma magia desconhecida, o quadro da mulher ganhou vida. Seus olhos brilharam quando ela começou a se mexer e falar.

No início, pensei que fosse uma lady-elfo. Mas, não! A curvatura redonda das orelhas, visíveis por trás do cabelo castanho avermelhado preso em coque, bem como as maçãs salientes num rosto corado, deixaram bem claro que se tratava de uma mulher humana.

O que faria, no entanto, uma humana presa no interior de um quadro, pregado na parede dum prédio erigido numa cidadela élfica?

A mulher falou comigo num idioma desconhecido.

Aqui e ali, pensei reconhecer palavras esparsas do eldarim, mas nada que se assemelhasse a um discurso provido de sentido. Seus olhos me fitavam sérios, enquanto ela tentava me transmitir sua mensagem no tom compassivo de quem profere um apelo em favor de outrem.

Após vários minutos daquela algaravia incompreensível, cansei-me e recuei um ou dois passos. Como que percebendo meu desinteresse, a mulher cruzou os braços e cerrou os lábios, com ar magoado. O quadro se apagou, reassumindo o aspecto anterior de espelho opaco.

Decidi efetuar uma experiência. Tornei a me aproximar do espelho. Num passe de magia, ele voltou à vida. A mesma jovem humana de beleza invulgar reapareceu e começou sua fala outra vez a partir do início.

Intrigado, julguei melhor emergir daquele prédio assombrado e retomar a caminhada pela avenida.

Haveria tempo bastante para explorar aquela miríade de edifícios, caso não encontrasse os cidadãos de Valmar ou, ao menos, uma explicação para seu desaparecimento.

* * * * *

Passou boa parte da tarde caminhando por aquela avenida infindável.

Em tradição alguma que aprendera desde a infância, ouvira que Valmar fosse tão vasta. O núcleo urbano era sempre referido como "cidadela" e eis que se revelava metrópole de proporções ciclópicas.

Estimara já ter avançado quase dez léguas por aquela via alva de calçamento liso e impecável, constituído por um piso inteiriço, sem sinal de juntas ou emendas.

A intervalos regulares, cruzava por ruas transversais, mais estreitas do que a avenida. Pareciam igualmente vazias. Não me atrevi a nelas ingressar mais do que umas poucas braças, não tanto por receio de me perder, quanto por me ter deparado com cenários de brancura imaculada, em tudo idênticos ao que se estendia por léguas a fio na avenida.

Quando estava prestes a anoitecer, a avenida larga desembocou enfim numa vasta praça circular. Observei ao longe que a praça constituía o ponto de encontro de oito avenidas. As outras sete pareciam tão amplas quanto a que eu percorrera até então.

No centro da praça, a mais de cem braças de distância, havia um cubo de ônix negro repousando sobre um pedestal de mármore quase tão claro quanto o calçamento contínuo do piso da praça.

Aproximei-me do pedestal, constatando que ele era em verdade uma pirâmide escalonada, em cujo topo residia o bloco cúbico de ônix.

Julguei estranho que os degraus da pirâmide fossem apropriados às dimensões dos seres humanos, pois é sabido que os elfos são não apenas maiores do que nós, como possuem membros mais longos.

Não ascendi, contudo, com o esforço de minhas próprias pernas. Havia subido três ou quatro degraus quando, com um zumbido baixo, a escada começou a ascender por si mesma, levando-me consigo.

Que magia espantosa!

Só então compreendi a sagacidade dos eldar: pouco importa a altura entre um degrau e o seguinte, se a escada sobe sozinha, levando a pessoa que se queda sobre ela até o topo da pirâmide.

Em menos de um minuto atingi o cume da construção. Lá de cima, pude examinar a trama reticulada de ruas, praças e avenidas, estendendo-se em todas as direções, até onde minha vista pôde atingir, exceto ao sul, onde vislumbrei o limite enevado do Itaimbêi. Havia ali e acolá, edificações esguias, erigidas numa espécie de cristal transparente, que me permitiram antever seus interiores

complexos e vazios de vida, onde a luz do sol poente penetrava e se refletia, fragmentando-se em milhares de raios, disparados em direções distintas. Em cinco regiões da cidade, identifiquei vastas áreas arborizadas, parques ou bosques urbanos, habitados por araucárias frondosas e outras árvores de troncos longos e robustos, algumas com folhagens de coloração que a princípio julguei impossíveis. Por entre troncos e folhagens daqueles arvoredos distantes, tive a impressão de antever o brilho fluido de lagos e córregos.

Quase a contragosto, dei as costas àquele panorama espetacular e lancei meu olhar ao cubo negro.

Prodígio dos prodígios! Sua superfície ebânea tornou-se esverdeada, clara como diziam ser a água do oceano mui distante. Dentro do fluido ondulante, mas de forma alguma nele afogado, flutuava um elfo grande, trajado de couraça reluzente e armado de uma espada longa e pesada demais para o manejo humano, um amplo escudo redondo preso ao braço esquerdo, e um elmo fulgurante, recobrando o topo da cabeça, mas deixando antever a longa cabeleira de fios quase tão alvos quanto os prédios e avenidas de Valmar.

O guerreiro elfo falou numa linguagem estranha, semelhante à fala da humana que aparecera do outro lado do espelho encontrado no prédio que explorei. Como da vez anterior, havia palavras isoladas que me soaram vagamente familiares, embora não conseguisse concatená-las num todo coerente, em meio ao emaranhado de sentenças desconhecidas.

O eldar deve ter notado que eu não compreendia o que dizia, pois sacudiu a cabeça e, com um sorriso muito humano, removeu o elmo do crânio longo e estreito. Antevi as orelhas pontudas por entre as mechas de cabelo liso.

Depositou o elmo junto aos pés, embainhou a espada longa e retomou seu discurso. Desta feita, no mais puro eldarim:

— Saudações, forasteiro humano. Há muito que não recebíamos visitantes de vossa estirpe na cidade que vossos antigos governantes designaram para nós.

— Agora posso entender-te. — Suspirei, espantado e aliviado. — Por que não falaste eldarim desde o início? Não é, acaso, esta a linguagem dos elfos da linha eldar?

— Os humanos de antanho chamavam este idioma que ora articulo de "looson". É uma linguagem criada por seu povo, e não pelo meu. — Ante meu olhar incrédulo, continuou. — O primeiro idioma chama-se "ânglico". Estranho que o ignore, pois era o vernáculo oficial da humanidade à época de seu primeiro contato conosco.

— Sei que outrora falávamos várias línguas mutuamente incompreensíveis. Ao que dizem, alguns humanos bárbaros, residentes em regiões afastadas do outro lado da Água, ainda o fazem. Todavia, os povos civilizados adotaram o eldarim há milênios, pois este foi o idioma que vossos antepassados ensinaram aos meus.

— De novo, essa velha história falsa, tantas vezes repetida, até que vocês próprios passaram a crer nela... Jamais soubemos ao certo como vocês começaram a crer em tamanha sandice. — O elfo suspirou, com ar desanimado. — Com o passar das gerações humanas, à medida que essa crença errônea tornou-se cada vez mais arraigada, desistimos de tentar corrigi-los e paramos de lhes contar a verdade.

— Como assim? Que verdade?

— Nós não somos elfos. Não existe essa baboseira de "primogênitos de Ilúvatar". Não sei de onde vocês tiraram isto... Ilúvatar, a propósito, que é tão somente o programa-mestre de Valmar, afirma ter sido batizado a partir da designação de uma de vossas divindades da fase monoplanetária. Quiçá, foi daí que vocês inventaram o resto.

— Programa-mestre?

— A autoconsciência artificial que controla o funcionamento da cidade.

— Isto é ridículo! Ilúvatar é o Criador de todas as coisas. — Ri em bom gargalhar. — Quanto a tu, claro está que és um elfo de fato! Pois és idêntico às descrições pictóricas dos museus e aos relatos que ouço desde criança.

— Vocês criaram essas concepções a partir de lendas. Ficção, entende? Mais tarde, encontraram meu povo em nosso planeta natal e trouxeram meus antepassados para a Terra.

— O que é Terra?

— Este planeta. O mundo que vocês hoje chamam de "Arda".

— Nós vos trouxemos para Arda? Nós, os humanos?

— Isto mesmo. Trouxeram meus antepassados.

— E de onde nós vos teríamos trazido?

— Já lhe expliquei: de nosso mundo. Vocês o chamavam "Gondolim", mas é claro que esse não era seu nome verdadeiro. De qualquer modo, Gondolim orbita um sol distante mais de cem anos-luz daqui.

— Outro sol? Mas só existe um sol...

— Tolice! Olhe para o céu noturno. Cada estrela é em realidade um sol. Como vocês puderam descer tão baixo a ponto de esquecer até mesmo isto?

— As estrelas são sóis... — A informação ecoou com certa propriedade em meu espírito. — E quanto a Silmaril?

— Silmaril?

— A grande estrela fixa, aquela que não percorre seu curso noturno, ao contrário de todas as outras.

— Ah, sim. Antigamente, vocês a chamavam de "Terra II". É um habitat espacial gigantesco, que circula vosso mundo em órbita geossíncrona. Outrora possuiu mais de quinze milhões de habitantes. Encontra-se abandonada há pelo menos vinte milênios.

— Meu povo diz que Silmaril protege a humanidade.

— Na época em que seu povo explorava a periferia galáctica, Terra II coordenava a superfície defensiva de todo o Sistema Solar. É natural que vocês ainda pensem nesse habitat como protetor de vossa espécie, embora jamais tenha sido empregado com este propósito.

— Por que não?

— Ora, porque durante o apogeu da humanidade solariana, cultura alienígena alguma ousaria atacá-la em pleno Sistema Solar.

— Tu afirmas que nós humanos já cruzamos o espaço vazio entre as estrelas; estrelas essas que, segundo tuas próprias palavras, seriam sóis. Alguns desses, rodeados por planetas... mundos como Arda...

— Exato.

— Mas, como é que viajavamos até lá?

— Seus antepassados construíram naves estelares.

Lembrei-me então das estranhas carruagens sem hexápodes, presentes nos aitos-relevos dos portões de Valmar.

Imerso no cubo esverdeado, o eldar acrescentou:

— Veículos tremendamente poderosos, capazes de romper o quadriespaço, atingir dimensões superiores, e assim chegar a seus destinos remotos no mesmo instante em que deixavam seus pontos de partida.

— Se tudo o que dizes é verdade, como explica que não nos lembremos de nenhum desses fatos?

— Os humanos que permaneceram na Terra jamais estiveram dentre os grupos mais progressistas de vossa dispersa espécie. Com o passar dos milênios, seus antepassados terrestres tornaram-se mais e mais apegados às tradições do passado e cada vez menos afeitos à tecnologia. Os grupos dissidentes, os amantes das inovações e aqueles que buscavam novos horizontes e desafios, foram partindo um a um. Até que não restou ninguém na Terra que se importasse com a herança tecnológica de vossos antepassados. Aqueles que permaneceram na Terra preferiram esquecer as glórias do passado.

— Mentos, ó eldar! Houvéssemos alçado tamanhas conquistas e jamais ousaríamos olvidar nosso passado.

— Nem todos esqueceram. A maioria das culturas humanas não o fez. Apenas a minoria que optou por continuar na Terra esqueceu.

— Então, ainda há hoje humanos navegando por entre as estrelas?

— É de todo provável que sim.

— E por que nenhuma dessas estirpes... progressistas, como tu o dizes, jamais regressou à Arda?

— A Terra foi declarada em estado de pousio. Vossos antepassados acreditavam que a biosfera do planeta deveria repousar, até estar pronta para gerar outra espécie racional.

— Se assim o foi, como explicas que minha estirpe, os edaim, tenha permanecido em Arda?

— Seu povo não conta. Ocupam apenas a porção oriental da Sulamérica, um continente pequeno e isolado dos demais, uma vez que não conseguiriam cruzar as águas traiçoeiras do Estreito do Panamá e, mesmo que lograssem fazê-lo, só atingiriam os desertos áridos do sul da Nortamérica. Todo o resto da Terra permanece em pousio, como seus ancestrais planejaram.

— Existem humanos bárbaros na outra margem da Grande Água... — Afirmei, sem grande convicção.

— Outra crença errônea. Exceto pelos poucos milhares de habitantes da Sulamérica, não existem humanos em canto algum da Terra.

— E vós, elfos? Que papel vossa estirpe desempenha nessa trama fantasiosa?

— Um papel diminuto. Meus antepassados foram encontrados por exploradores humanos. Seu povo reescreveu nosso programa genético, para nos tornar mais inteligentes e, sobretudo, mais parecidos com os humanos. Vocês chamaram os produtos dessa manipulação de "quendi", segundo soube, um termo retirado de um de vossos panteões mitológicos. Depois de nos considerarem prontos, os humanos compartilharam conosco parte de seus conhecimentos e nos deram tecnologia. Nós, os chamados "quendi", produtos da refinada biotécnica molecular humana, tornamo-nos vossos aprendizes, e não o contrário.

— Nossas tradições afirmam que os eldar foram os primeiros professores dos humanos.

— E não estão de todo erradas. Muitos milênios após a última leva de humanos dotados de tecnologia estelar ter deixado o Sistema Solar, movidos pela gratidão, de fato tomamos a nosso cargo a tarefa de impedir que os últimos remanescentes da raça de nossos criadores regressassem à animalidade.

— Como poderíamos nós vos ter criado, se vós sois em tudo superiores a nós?

— Os humanos estelares eram não apenas imortais, mas também dotados de talentos e sabedoria incomensuráveis. Poderes e conhecimentos dos quais vossos ancestrais decidiram abrir mão, quando preferiram a Terra às estrelas.

— Incrível! — Sacudi a cabeça, tentando a todo custo me apegar aos últimos resquícios de ceticismo. — Mas, e quanto às outras raças que habitam ou habitaram Arda?

— Aqueles que vocês chamavam "anões" eram exemplares de uma espécie humanóide alienígena que optaram por permanecer na Terra quando os últimos humanos tecnológicos partiram. Imagino que os "ents" tenham se inspirado em entidades alienígenas não-humanóides, quer orgânicas, quer artificiais. Já os "orcs", esses não passam de mutantes; frutos de manipulações genéticas malsucedidas, levadas avante num período histórico intermediário, quando a humanidade terrestre decadente ainda detinha algum conhecimento científico e aparato tecnológico.

— Quando os últimos sábios deixaram Arda?

— Há pelo menos cem mil anos terrestres.

— E há quanto tempo os humanos teriam criado os elfos?

— No mínimo, há quatrocentos milênios.

— E Arda? É o planeta original da humanidade? Ou, como os elfos, viemos de outro lugar?

Nossas lendas afirmam que...

— Esqueça as lendas. Segundo aqueles que nos criaram, os humanos são fruto da evolução biológica espontânea nesta biosfera. Imagino que tudo lhe pareça um pouco confuso agora. Mais tarde, se acaso o desejar, Ilúvatar poderá lhe detalhar toda a história evolutiva da vida na Terra.

— O Criador de todas as coisas? Então, vós ainda ouvis as palavras Dele?

— Ilúvatar é apenas uma consciência artificial. Foi criada pelos humanos do passado, como os quendi e o habitat orbital que você chama de "Silmaril". E, sim, posso falar com ele. Você também poderá, a seu tempo, se o merecer.

— Por que tu permaneces dentro desse cubo líquido?

— Trata-se de um tanque holográfico. Um artefato tecnológico para reproduzir paisagens, objetos ou pessoas distantes, ou que já não existem mais. Enquadro-me nesta última categoria. Não sou um quendi de verdade. Apenas a reprodução ou simulação de um.

— Impossível! Tu estás falando comigo, respondendo minhas perguntas...

— Sou uma autoconsciência artificial. Fui criado a partir de matrizes de personalidade quendi armazenadas por Ilúvatar.

— E onde estariam os elfos de verdade?

— Eles se cansaram de esperar que vocês recuperassem o pendor pelo conhecimento. A maioria partiu para as estrelas, para se encontrar com nossos mestres humanos. Existem ainda uns poucos, armazenados sob a forma de mentes descorporificadas nos bancos de memória da cidade.

— Espíritos descarnados?

— Poderiam ser despertados para encarnar em corpos físicos, se necessário.

— Despertados? Acaso estão dormindo?

— É mais fácil mantê-los em estado dormiente quando descorporificados.

— Quantos elfos sem corpo existem ainda em Valmar?

— Nove mil, trezentos e vinte sete.

— Uma população e tanto.

— Em seu apogeu, antes da humanidade abandonar a Terra, Valmar possuía mais de um milhão de habitantes.

Senti-me pasmo ante tamanha quantidade. Não creio que existam tantos humanos vivos em toda Arda...

Permaneci calado por alguns minutos, digerindo as histórias fantásticas que aquele fantasma eldar me transmitira. Então, não mais resistindo, declarei:

— Não acredito em nada do que afirmaste sobre a criação dos elfos e a decadência dos humanos.

— Vieram outros, antes de você, depois que desativamos a ponte etérea e deixamos de interferir nos assuntos humanos. Eles também não acreditaram.

— O que aconteceu com eles?

— A maioria regressou para o outro lado do Itaimbé. Uns poucos vaguearam pelas ruas e prédios da cidade, até enlouquecerem, ou morrerem de fome, ou até mesmo de velhice.

— Pobres coitados! Mas, também, que outra alternativa teriam?

— Enfrentar o desafio, é claro.

— No que consiste esse desafio?

— Enfrentar um guerreiro quendi, munido de armas semelhantes às suas, em combate singular. Ao humano vencedor, seria facultado acesso irrestrito a Ilúvatar.

— Não compreendo porque tem que ser assim. Afinal, tu mesmo afirmaste que meus ancestrais teriam criado o próprio Criador de todas as coisas...

— De fato. Seu povo criou Ilúvatar. De uma certa maneira, podemos dizer que essa consciência artificial existe com o propósito de servir a humanidade.

— Pois, então?

— Ocorre que os humanos estelares regiam-se por princípios meritocráticos. Acreditavam que indivíduo algum, nem mesmo outro humano, deveria receber um prêmio que não merecesse. Associado aos ideais meritocráticos, os humanos progressistas não tinham em alta conta aqueles que decidiam abandonar a tecnologia e permanecer na Terra. Daí, terem construído Ilúvatar dentro desses princípios. Por isto, o programa-mestre estabeleceu o desafio como medida do merecimento dos humanos terrestres que almejassem recuperar o conhecimento estelar de seus antepassados.

— Compreendo. — Menti, aturdido pelo choque das últimas revelações.

Não consegui abarcar de imediato o que representaria a recuperação daqueles conhecimentos. Com o intuito de disfarçar minha ignorância, comentei:

— Vim até Valmar para descobrir porque os elfos haviam desaparecido das terras humanas. Creio ter cumprido a missão que me foi delegada.

— De fato. Descobriu muito mais do que esperava. — O fantasma do elfo assentiu, com ar pensativo. — Descobriu também que os últimos remanescentes humanos na Terra vivem uma existência de mentira.

Ele tinha razão.

— Esse desafio de que falaste, acaso já foi aceito por alguém?

— Três vezes. Em todas elas o herói humano foi derrotado.

Ouvi meu próprio suspiro de resignação.

Sabia ter chegado à minha decisão.

Só havia uma maneira de descobrir se o elfo, ou fantasma de elfo, mentia ou falava a verdade.

Eu precisava ter a confirmação daquela história fantástica através das palavras do próprio Ilúvatar.

E só havia um modo de conseguir alcançar as palavras e a verdade do Criador.

— Pois desta quarta vez será diferente. — Surpreendi a mim próprio ao afirmar, demonstrando uma segurança que estava longe de sentir.

* * * * *

Aceito o desafio, antes de se dissolver, o fantasma do guerreiro élfico me orientou a prosseguir pela via que seguia para norte, que continuava do lado oposto da praça da pirâmide.

Assim o fiz.

Menos de uma hora de caminhada e a noite caiu uma vez mais sobre Valmar. Acampeí debaixo da marquise de um prédio erigido em cristal transparente. Tomei um gole de hidromel para me encher de ânimo e coragem, comi uma fatia de lembas e me cobri com o manto termal, tentando conciliar o sono e repousar, preparando-me para o combate decisivo da manhã seguinte.

Acordei com a alvorada e retomei a marcha pela avenida que seguia para o norte.

Conforme o fantasma prometera, antes de meio da manhã atingi uma nova praça, quadrada e de dimensões menos grandiosas do que aquela que abrigava a pirâmide do cubo.

Seguindo as indicações recebidas, caminhei até o centro dessa praça e quedei-me a esperar.

Não foi preciso aguardar muito.

Poucos minutos após minha chegada, vi um elfo robusto emergir de um dos prédios que ladeavam a praça.

O eldar trajava uma cota trançada com fios de mithril, reluzente sob o sol da manhã.

Pareceu-me tão alto quanto o fantasma que me falara à véspera.

Quando parou a cinco braças do ponto onde eu estava, constatei que era o próprio fantasma, ora encarnado. Ou então seu gêmeo idêntico.

— Por acaso, tu és o elfo que falou comigo ontem à tarde?

— Uma parte dele.

— Como assim?

— Sem acréscimos moleculares adicionais, um cérebro orgânico quendi não comportaria todas as funções da minha consciência. Apenas os humanos estelares dominam essa técnica. Quando encarnei este corpo quêndico, construído à semelhança da holografia de ontem, deixei para trás algumas de minhas capacidades de processamento, bem como boa parte da minha memória. Mas, não se preocupe. O que restou deve ser mais do que o bastante para cumprir a tarefa que terei diante de mim. — desembainhou a espada larga com um sorriso confiante. — Ah, essa ineficiência, essa lassidão gostosa da corporificação... Quantas saudades!

— Não entendo. Se não és elfo de carne e osso, mas mero espírito artificial, por que te deleitas tanto com a encarnação?

— Ora, até os programas autoconscientes têm já suas fraquezas...

— Agora que és carne, devo lutar contigo?

— Como os três campeões anteriores o fizeram.

— Melhor do que eles. Afinal, tu mesmo disseste que eles foram derrotados.

Brandiu a espada maior e mais larga que minha narsil.

Seu braço esquerdo guarnecia o grande escudo redondo. Com o tronco protegido sob a cota de mithril, ele fulgia como estátua animada invulnerável. Seu vigor élfico garantia que permaneceria resoluto, incólume, enquanto eu, como humano terrestre, sofreria da fadiga crescente à medida que o combate se prolongasse, até que me quedasse exausto, presa fácil para sua destreza sobre-humana.

Todavia, eu empunhava narsil. A lâmina forjada com conhecimento ancestral. Tecnologia eldar ou, quiçá, dos mestres humanos de outrora.

— Então, meu oponente porta uma espada de duratitânio, com gume de monofilamento molecular? — O fantasma encarnado indagou com uma ponta de espanto na voz melodiosa. — Quem diria, um fragmento de tecnologia estelar, perdido em meio à decadência da humanidade terrestre...

Aproveitei seu pasmo para erguer narsil e golpear com toda a força.

Ele aparou o golpe com facilidade. Narsil, porém, abriu um corte comprido no mithril maciço de seu escudo.

— De que me vale o plástiaço supercomprimido contra um gume de monofilamento? — O encarnado em corpo eldar lamentou, recuando para examinar brevemente o talho em sua defesa.

Preferi poupar meu fôlego a responder. Pois, mesmo em justas contra outros humanos, jamais fui lutador tagarela. Ante um elfo, então, capaz de pelejar horas a fio sem o mínimo sinal de fadiga, não pretendia desperdiçar meus poucos recursos em conversinhas incoseqüentes.

Tornou a avançar. Sua espada longa estocou-me no flanco. Consegui afastar o golpe com o bordo de meu escudo elíptico, menor e mais leve do que o dele.

Recuei e ele continuou a avançar. Ele se movia com celeridade impressionante. Voltei a recuar e girei, evitando que flanqueasse minha guarda. Insistiu no avanço. Ao invés de recuar mais uma vez, golpeei com a narsil da direita para a esquerda. Orgulhoso, o lorde-elfo preferiu aparar o impacto da lâmina mágica a esquivar-se com um salto para trás.

Narsil não se fez de rogada. Zuniu através do escudo do eldar. A princípio, julguei que o golpe não surtira efeito. Então vi o terço superior da defesa de meu oponente tombar, decepado, entre seus pés.

Irado, avançou, golpeando-me com o que restara do escudo e, ao mesmo tempo, lançando uma estocada, valendo-se da maior envergadura da lâmina mortífera.

O fio da espada abriu uma linha sangrenta em minha coxa. Recuei num pulo, evitando por um triz o novo golpe, que me cortaria o pescoço.

Num hausto, enchi os pulmões de ar. A pulsação acelerada e a perna empapada de sangue afirmavam-me que eu não suportaria aquele ritmo por muito tempo. Por seu lado, o eldar voltava ao ataque, outra e outra vez, com eficiência tranqüila. Golpes sempre precisos, eficazes. Sua respiração nem sequer alterada.

Confiante, lançou para o lado o escudo fendido.

A narsil revelava-se sem dúvida superior à espada do eldar. Contudo, ele empregava sua destreza sobre-humana para evitar a todo custo terçar sua lâmina com a minha. Para tal, valia-se até mesmo do centro do meu escudo, que começava a se amolgar sob os impactos tremendos de sua espada pesada.

Numa dessas feitas, no entanto, consegui antecipar seu ataque instantâneo. Dei um passo atrás. Sua espada descreveu um arco largo. Avancei, penetrando em sua guarda aberta. Usando toda a minha força, escorei sua lâmina com meu escudo, impedindo que ele a erguesse para me aplicar um golpe mortal. Sedenta, narsil não aguardou por meu comando ou decisão. Quase me saltando do punho, lançou-se avante e afundou no abdome do lorde-elfo, perfurando a cota de mithril como se essa fosse feita de manteiga quente.

Meu oponente gemeu de dor e surpresa ante a estocada maliciosa da narsil.

— Ora... Uma arma dotada de consciência artificial... — Suspirou, levando a mão esquerda ao ferimento, por onde o sangue borbilhava, rubro e caudaloso. — Incrível que consiga aumentar a perícia do espadachim...

Não possuía fôlego ou verve para responder.

Narsil, todavia, não perdeu tempo em considerações. Sem maiores deiongias, forçou meu braço para frente.

Ágil, conquanto ferido, o eldar ergueu sua espada com o intuito de aparar o golpe. Num átimo, narsil se chocou com o gume da arma adversária, seccionando a lâmina élfica em duas metades.

Ferido, sem escudo e com apenas a metade romba da espada em punho, nem mesmo a velocidade e a destreza sobre-humanas do eldar — tampouco sua uma braça de altura — puderam salvá-lo. Em vão tentei conter o ímpeto perverso da narsil, pois que minha lâmina imbuíra-se do propósito de terminar o combate da forma mais sanguinária possível.

Voou através do pescoço taludo do elfo.

Então, o impossível aconteceu, como se inevitável fosse.

Lançada ao ar, a cabeça maciça do eldar aterrou quase três braças de distância. O corpo decapitado permaneceu de pé, ereto por alguns segundos e ainda a brandir a espada cortada, até desabar de joelhos, um gêiser de sangue esguichando do pescoço e salpicando tudo a sua volta, até que o cadáver animado se convenceu da própria morte e tombou de bruços no charco de sangue escuro.

Não liguei ao corpo.

Desconfiado, sem acreditar no resultado do combate, avancei, de narsil em riste, até a cabeçorra, que insistia em me fitar de olhos bem abertos.

Tremi em meu âmago quando ela abriu a boca e começou a falar no mais puro eldarim:

— Aproxime-se, humano. Prometo que não vou mordê-lo. — Ante meu pânico abjeto, procurou me apressar. — Vamos com isto. Tenho que lhe explicar algumas coisas e não disponho de muito tempo.

— Não está... morto? — Consegui articular, reunindo meus últimos resquícios de coragem. — Conquanto eu saiba serem os elfos imortais, julguei que ao menos pudessem ser mortos...

— Só este corpo está prestes a morrer, seu tolo. — A cabeça cerrou os olhos por uns instantes, mas logo tornou a abri-los. — Você venceu o desafio. Mas, ouça-me agora. Preciso lhe dizer o que fazer. Como proceder, antes que eu deixe de ser carne para voltar a residir apenas na matriz do banco de memória da cidade.

* * * * *

Seguindo as instruções da cabeça, avancei por uma avenida que partia daquela praça quadrada rumo oeste.

Encontrei o prédio indicado e, uma vez no interior, ativei o artefato denominado "ascensor gravitacional", ingressando no mesmo e pronunciando "último andar".

Senti meu corpo flutuar. Então fui me elevando, por arte mágica ou científica. Enfim, uma voz monocórdia anunciou que eu havia chegado e que deveria sair do ascensor.

Saltei do artefato. Avancei alguns passos. Então, parei, desconfiado, naquela brancura imaculada à qual já me começara a acostumar.

— Ilúvatar?

"Sim, mestre?" — Ouvi alto e claro dentro de meu espírito.

Mestre? Eu?

Não consegui esboçar reação, ante tão assombrosa forma de tratamento.

"Não se sinta espantado. Afinal, os humanos me construíram. Habituei-me a me referir a vocês como 'mestres'. Através de seu mérito próprio, você se revelou igual aos humanos do passado, meus mestres."

— Então... tudo o que o elfo me contou era verdade?

"Elrond só lhe falou a verdade. Mas só contou a parte que ele sabia. Há muito mais a descobrir."

— Existem humanos viajando por entre as estrelas?

"Existem, sim. Entre as estrelas, pelo tempo afora, e muito mais."

Ele começou a me contar.

No início, recusei a crer.

Não que Ilúvatar fosse capaz de mentir. Julguei, contudo, que eu pudesse estar louco, ou sonhando.

Com o tempo, comecei a acreditar. E a aprender.

Então, chegou o tempo de ensinar outros humanos.

Retomar nossa herança.

Recuperar o tempo perdido.

E, quem sabe um dia, reencontrar nossos semelhantes que viajam pelas estrelas, habitam outros planetas e exploram os confins do tempo...

RAMALHETE DE REALIDADES

Ivan Carlos *R*egina

(dedicado aos treze *R*obertos que conheci em minha vida; ainda hoje, vêm à minha memória farrapos de seus sentimentos e reminiscências deste fecundo contato)

*R*oberto é um grande amigo meu, talvez um dos melhores; disto não pode restar dúvidas, nem do fato que o conheço já há bastante tempo, mais de vinte anos. A compreensão deste fato é vital para o entendimento do que passo a relatar.

*R*umores persistiam que ele, pouco a pouco, ia se pondo louco. Misógeno sempre fora, ou quiçá reservado. Falava o suficiente, ouvia muito, extremamente dócil e confiável como pessoa.

*R*ia mais com o canto da boca que desbragado, o que, em minha opinião, é sinal de grande inteligência. Trabalhara anos numa função burocrática, servindo a um governo sem metas nem planejamento. Agora estava aposentado.

*R*etirado, como ele dizia.

Rraramente nos víamos, apesar dos fortes laços emotivos que nos uniam. Explico: a gênese de nossa amizade ocorrera na fundação de um clube de colecionadores de capas de revistas antigas, publicações hoje muito raras e que a nós evocavam, com suas figuras alegres e fugidias, um mundo de fantasia que agora já não é mais possível ser encontrado. Talvez exista, ainda, em rincões inexplorados. A civilização, contudo, pôs fim a estes mundos encantados, esvaídos pela Internet, assassinados pela pressa da imprensa e pela comercialização açodada do fútil.

Reuníamos-nos, às vezes, para trocar exemplares destas vetustas publicações; evidentemente, tínhamos outros amigos em comum, um punhado de bons camaradas que gostavam do mesmo passatempo e comungavam de alguns ideais, hoje notadamente ultrapassados, como livro de cavalaria e aventuras. Alguns gostavam de ficção científica, outros de pura poesia; nem sempre, contudo, o assunto era literatura; a forma plástica de uma capa antiga, mesmo uma ilustração arcaica de algum desenhista precioso, enfim, o amor por livros ou revistas era o único elo de ligação que percorria aquele grupo aparentemente tão desconexo.

Racionalmente falando, sabíamos que éramos um grupo de ultrapassados, nesta época de mídias informáticas e velocidades fantásticas de conexão com desconhecidos; para ser sincero, tínhamos até um certo orgulho de nosso apelido, pois éramos conhecidos no mercado como "os traças". Por papel velho andaríamos quadras com a disposição lépida de um garoto de quinze anos.

Refazíamos sempre as mesmas rotas, na vã esperança de ainda achar as tais extintas publicações. Não nos considerávamos, contudo, loucos ou excêntricos. Havia os que colecionavam selos de cartas que já não eram mais postadas, rótulos de vinhos, garrafas de refrigerantes, roupas antigas, enfim, tudo que o homem pode produzir outro homem pode brincar de juntar, e dar o nome, pomposamente, a este ajuntamento de objetos, de coleção.

Retornando ao Roberto, soubera, por amigos, que depois de aposentado retirara sua coleção de livros e revistas do apartamento onde morava com a esposa, e alugara um velho casarão na periferia da cidade para abrigar sua vultosa biblioteca; mais, que ali passava horas, para não dizer dias, em seu solitário lazer. Muitas vezes sua mulher ligava para seu telefone e implorava-lhe que voltasse para o lar, a hora era tardia, as ruas estavam violentas e o crime espreitava em cada esquina, resmungava ela, logicamente com razão. Estes mesmos amigos comuns vieram pedir-me, sabendo de nossa confiança mútua, que averiguasse o que estava se passando. Como já disse, os boatos eram péssimos, que o velho Roberto delirava da mente, enquanto o corpo definhava; tranquilizei estes camaradas comuns, que esta é a sina que a todos aguarda, ponderei. Para os que lêem, os que se apaixonam com facilidade, para os que sonham acordados, para os nefelibatas afoitos, todos estes têm a alegria de ver o corpo fenecer enquanto a mente permanece lúcida.

Rendi-me aos argumentos coletivos e jurei procurar o Roberto, tão logo fosse possível; telefonei-lhe, um punhado de dias após; recebeu-me com a mesma cordialidade e encantamento de sempre; não parecia, assim ouvido de longe, alterado de maneira alguma; era o mesmo amigo, que me estendia os braços e marcava um encontro para a próxima semana. Deu-me o endereço, confirmou a hora e a data com a mesma precisão que o caracterizava. Tudo ficou agendado.

Rumo ao local, no dia aprazado, sentia-me eufórico. Fui de metrô, saí num terminal de ponta e apanhei um ônibus azul e prata; rumo a um bairro afastado. Pude relaxar, pois meu ponto era o terminal, assim mergulhei de cabeça num velho exemplar do "Casamento do Céu e do Inferno", e os provérbios do Blake foram martelando minha cabeça enquanto, por incrível que pareça, o velho coletivo rodava maciamente por ruas e avenidas absolutamente desconhecidas para mim.

Ruidosamente o cobrador gritou "Hei, chegamos, aqui é o ponto final". Desci, desorientado, mas logo depois avistei um velho sobrado, pintado de um verde limão descolorido, exatamente igual à descrição que Roberto fizera pelo telefone. Caminhei, saudosos de uma agradável conversa que com certeza ocorreria.

Resoluto, toquei duas vezes a campainha, e, antes que atendido fosse, ainda uma terceira vez apertei o gasto interruptor. Roberto veio, e em instantes estava já sentado num antigo sofá na sala daquele agradável sobradinho. Gentil, o anfitrião ofereceu-me suco de laranja, mas, rindo, puxou do aparador uma garrafa de vinho português, que, como ele sabia, era muito mais de meu agrado.

Rolha retirada e duas taças empunhadas, brindamos à velha amizade; sentamos e conversamos longamente. Algumas indiscrições, a troca habitual de perguntas sobre a saúde de pessoas de meia idade, o ciático de um, a colite de outro, as colunas que pugnavam sempre por se manter fora de nosso eixo corporal, enfim, as coisas de sempre. Passamos para a literatura, as novas aquisições, o que estávamos lendo, e, mentalmente, pensava em como abordar o delicado assunto que era o principal motivo de minha estada.

Rodeios com amigos devem ser evitados, assim penso; logo, fui diretamente ao assunto, disse ao Roberto que nossos amigos estavam preocupados, que ele estava passando muito tempo ali naquela casa de bairro e esquecendo o convívio social, enfim, que os rumores estavam crescendo, e finalmente confessei que o que me trazia ali era esta missão.

Resposta fiquei aguardando, enquanto o Roberto, calmamente, tranquilizou-me. - "É verdade", ele disse, "que tenho ficado muito aqui; isto, porém, foi só depois de começar minha nova coleção".

Resumir a conversa que se seguiu penoso me parece; a nova mania de Roberto era, segundo ele afirmava, colecionar realidades. O conceito era simples: reunir o todo de um instante numa coleção o mais abrangente possível. Assim dito parecia simples, e eu quis saber mais detalhes, ver a tal coleção, enfim, tirar aquilo a limpo.

Reticente, ele apenas me perguntou se eu conhecia a Silvana; claro que eu conhecia, era uma bibliófila de nosso círculo de amizades. Fora, com certeza, uma bela mulher; agora estava um pouco gasta, as rugas tinham vincado seu rosto de forma cáustica; Roberto, finalmente, disse: "Você sabia que ela chegou-me a pedir em casamento?". Não, eu não sabia, e o que aquilo tinha a ver com tudo? "Volte amanhã, volte amanhã", ele, empurrando-me porta afora, repetia.

Rapidamente o dia esvaiu-se em conjecturas estéreis. Estaria maluco meu velho amigo?

Retornei no outro dia, na mesma hora. A viagem, contudo, foi-me penosa, e o trajeto, que ontem tanto prazer proporcionara-me, foi truncado de dolorosas indagações.

Roberto abriu-me a porta, e, quase sem trocarmos palavras, passamos ao segundo andar do sobrado. Havia uma porta branca com uma grande letra "R" pintada. Julgo que neste momento cheguei a duvidar da sanidade mental de seu proprietário.

Ressabiado, entrei. O quarto estava totalmente pintado de preto, e apenas uma tela branca ocupava parte da parede afastada do cômodo. E então as coisas aconteceram de forma súbita mas sequencial. Um filme com a Silvana correndo na praia, não destes fantasiosos em que as mulheres aparecem com longos vestidos brancos esvoaçantes, mas num bonito maiô, buscando conchinhas brancas na espuma da areia, e depois Roberto mostrou-me algumas fotos dela enquanto moça, e vimos como era bonito o seu sorriso, e para lembrarmos de seu hálito (que eu jamais conhecera) tomamos um vinho branco gelado e comemos um prato de frescos mariscos com uma vinagreta de framboesa. De um velho baú retirou uma luva branca que a ela pertencera, e assim pudemos, luxuriosamente, emularmos o toque aveludado de sua mão pequenina.

Ruiu o tempo em fragmentos, não o vi mais passar. Quando acordamos do transe, já era de noite. Roberto convidou-me para passar ali a madrugada, mas preferi ir-me embora. Fui convidado para voltar na próxima quarta feira, dia que, como se sabe, as realidades se juntam com muito mais facilidade.

Resoluto, pensei em não mais retornar, mas o tempo decorrido pareceu-me monótono e nem minha ida, no sábado, dançar tango com a Michele pôs-me mais tranqüilo. Para ser sincero, aguardei com ansiedade a passagem rápida das noites até o meio da semana.

Reconduzi meus próprios pés até a casa de Roberto, o que talvez seja uma afirmação pretensiosa, mas foi exatamente o que me ocorreu naquele dia. Desta vez, a experiência que me fora reservada era muito mais dolorosa. Eu sabia que Roberto havia perdido um filho, adolescente, mas pude, ao ser confrontado com a realidade desta morte, sentir a sua terrível intensidade. Vimos um filme, lemos os poemas que o menino escrevera, seus desenhos, a foto de uma possível namorada; mais doloroso que a inexistência é o desenrolar das múltiplas possibilidades que se abririam caso ele continuasse a existir. Seria poeta ? Torneio mecânico ? Casaria ainda moço ou morreria solteiro, ancião, trabalhando de guia turístico em Katmandu ou pescando arraiais no Rio Araguaia ?

Recordamos o que não foi vivido, eis uma síntese do que ocorreu, bem como das quatro semanas subsequentes.

Refinei depois nossas possibilidades de encantamento; apresento, pois, esboço preliminar do que ainda temos para ser vivenciado, lógico que ainda longe de ser uma lista completa :

Rol de realidades : quando dancei com Ester em seu baile de formatura, se Ana Paula tivesse aceito meu pedido de casamento, eu devia ter matado aquele rufião do Adalberto, se eu tivesse aceito aquele emprego no teatro de revista, o maravilhoso livro que jamais escrevi e que tratava da poesia que há nas rosas e nos rios, meu tratado acadêmico sobre o éter inconsútil, enfim, os acontecimentos mais interessantes de minha rica vida; não os que vivi, estes tenho-os já guardados em rica caixinha de ossos cranianos, mas os mais belos, aqueles que podiam ter acontecido.

Roberto e eu vivemos hoje sob o mesmo teto. Sua mulher veio vê-lo, dia destes, mas ele se recusou a abrir a porta. Eu sei que virão buscar-nos, mais dia menos dia, mas até lá espero haver completado finalmente nossa coleção de **R**ealidades.

O SONHO É UMA ETERNIDADE PERDIDA

"Le rêve est une éternité perdue", Pierre-Luc Lafrance [Canadá]

Tradução de Alfredo Keppler

*Para aqueles que descobriram a chave do reino dos sonhos
Acima de todos, Lord Dunsany e Lovecraft*

O sonhador seguia pela rota que ele já havia palmilhado milhares de vezes. Como em todas as noites, ele renascia nas margens férteis do Kuth-Nucktuk. No tempo da sua juventude, dezenas de viajantes sulcavam os meandros do grande rio; agora porém, ele seguia o seu caminho sozinho.

Um outro que não ele não deixaria de admirar o espetáculo das frondes luxuriantes, o rio de águas esmeralda e as ondas de nuvens sobre o azul claro do céu. Entretanto, o sonhador não dava a menor importância a tudo aquilo. Ele andava a passos largos em direção a Rynouk, a capital, afim de embarcar novamente nos imensos navios brancos que vagavam em direção ao céu.

Nada parecia ter mudado desde a sua última visita, nada se não fosse por uma pequena trilha, quase invisível, que ele avistou à sua esquerda. Ele se aproximou lentamente. Seria mesmo uma trilha? O caminho estava obstruído pela vegetação: uma estrada antiga, sobre a qual a natureza retomara os seus direitos. A despeito dos seus grandes conhecimentos sobre as regiões oníricas, o sonhador não se lembrava de nenhuma cidade ou vilarejo na direção da trilha. Na verdade, após tantos anos, os seus sonhos não lhe traziam nenhuma surpresa. Ele coínceia de cor o dédalo de Ryanouk, a Grande, e havia visitado centenas de vezes Tykaop e as suas pirâmides colossais, Pourlosme que brilhava de mil fogos

dia e noite e Calanke, a cidade subterrânea. E eis que enfim aparecia uma oportunidade para descobrir novos territórios...

Ele desviou sem mais delongas pelo atalho tortuoso.

Mais de uma vez o sonhador esteve para retornar, de tanto que era escarpado o caminho que ele tomara. Mesmo assim, ele continuou, curioso de saber o que o esperava no final. O sonhador parou várias a fim de contemplar a paisagem ao seu redor. A vegetação não era a mesma das margens do Kuth-Nucktuk; as árvores eram maiores, com troncos mais grossos, e flores da altura de homens cresciam à beira do caminho. Cada uma delas ostentava múltiplas nuances de vermelho, azul e violeta. Elas tinham a forma de margaridas gigantes e perfumes açucarados e balsâmicos. Ao longe, na direção em que ia o caminho, dois portais de marfim com dez metros de altura dominavam a paisagem.

Enfim, o sonhador avistou a cidade que se estendia atrás das portas. Ele notou também o imenso palácio de cristal, ao lado do qual todos os castelos da Europa pareceriam insignificantes, assim como o templo de ouro maciço, que parecia ter sido erigido pelos próprios deuses. Os raios do sol se refletindo na torre do castelo cegaram o viajante por alguns instantes. Os muros de cada casa pareciam incrustados de pedras preciosas. Por todo o lado onde ele pousava a sua vista, abundavam riquezas. Mesmo Rynouk, a Grande, não poderia rivalizar com tamanho esplendor.

Assim que ele cruzou os portais de marfim, o sonhador deu de frente com uma multidão jubilante, composta de homenzinhos incrivelmente esbeltos, em cujos olhos brilhava uma alegria infantil. Tinham os rostos de traços harmoniosos e, tanto os homens como as mulheres ostentavam longas cabeleiras, que tombavam com leveza sobre os seus ombros. Eles acleraram o recém-chegado com uma exuberância desarmante. O sonhador os saudou e se dirigiu ao palácio, para render homenagem ao soberano do lugar. Quanto mais ele se aproximava do palácio, mais aumentava a multidão se comprimindo ao seu redor. Alguns portavam instrumentos musicais e neles tocavam um hino alegre para saudar o visitante, que estava apreciando muito a alegria contagiosa dos seus anfitriões.

E foi acompanhado por centenas daqueles pequeninos que o sonhador adentrou o castelo. Se este era impressionante do exterior, o seu interior era ainda mais fascinante. A luz do sol se filtrava no edifício através de múltiplas aberturas, nas quais estavam encaixados painéis de vitrais multicolores. Por onde pousasse os olhos, o viajante descobria novas estátuas e novos ornamentos, cada um mais deslumbrante que o outro. Uma multidão aguardava o sonhador no "hall" quando ele passou ao salão do trono. Ali estavam, fora o soberano, apenas os gatos: magníficos felinos que passeavam às centenas em volta do monarca. Alguns se aproximaram do recém-chegado, levando a sua audácia até a lhe lambem timidamente os pés. Assim que avistou o visitante, o rei desceu do seu trono e, para surpresa do sonhador, se ajoelhou à sua frente.

– Eu sou Tillodiam, soberano da cidade de Turcosy. Meu me contou que um dos seus já esteve por aqui, há coisa de uns milênio. Mas eu achava que era uma lenda, história para crianças.

– Meu Senhor, disse o viajante, não tens porque se ajoelhar diante de mim. Eu sou apenas um homem errante. Em Rynouk, às margens do Kuth-Nucktuk, me chamam de Talas.

– Talas, eu estou infinitamente honrado pela sua visita. Eu já ouvi falar de Rynouk, mas já são muitos séculos sem que nos apareça alguém de lá.

A conversa assim prosseguiu durante uma boa parte do dia. O rei interrogou Talas sobre Rinouk e sobre todos os lugares por onde os seus périplos o haviam levado. Talas lia nos olhos do soberano que ele mesmo estava tomado pela febre de viajar, porém estava impedido de sucumbir a ela pela sua posição. Ele se apressou a ceder aos seus anseios e relatou as suas numerosas peregrinações nos seus mínimos detalhes.

Em seguida o rei desvendou a Talas as incontáveis maravilhas da cidade de Turcosy. Os dois homens fizeram uma longa caminhada, cercados pelos felinos reais, que acompanhavam o rei por toda parte. Os seus miados pontuavam o discurso do soberano, que tomava como um dever tudo mostrar ao seu visitante. Eles começaram pelo pátio interior, que continha mais espécies de vegetais diferentes do que Talas poderia imaginar. Os seus olhos foram ofuscados pela audaciosa mistura de cores vivas, que poderiam parecer agressiva não fosse pela harmonia do seu conjunto. Eles caminharam em seguida pela cidade entre casas de safira, diamantes e esmeraldas, sobre as quais o tempo parecia não ter nenhum poder. No centro da cidade se erguia-se uma fonte, cuja larga bacia produzia em abundância uma bebida levemente alcoólica, com sabor de pessegos, da qual Talas gostou muito. Eles visitaram também o templo, que era ainda mais ricamente decorado do que o resto da cidade. Tanto o interior como o exterior eram em ouro, das paredes ao piso, assim como os bancos e o teto. Talas foi apresentado ao sumo pontífice, mudo de emoção: ele mal e mal conseguiu encontrar forças para murmurar que enfim ele se via recompensado por toda uma vida de fé e devoção. Aqui e ali dentro do templo se espalhavam

ídolos multiformes representando gatos em todas as encarnações possíveis e imagináveis. No centro do salão, uma estátua da altura de um homem e envolta em finíssimo tecido de seda negra, fortemente intrigou o sonhador. A visita continuou sem que ele ousasse perguntar ao soberano ou ao sumo pontífice o que é que se escondia sob o drapeado de sombras tenebrosas do véu sedoso.

Assim que terminou a visita, o rei organizou uma grande festa em honra do seu convidado. Milhares de homenzinhos invadiram a sala do trono e começou um baile. Os músicos tocavam baladas melodiosas, que Talas escutava pela primeira vez; era uma música doce, harmoniosa, que parecia provir de outro universo. Ele era requisitado de todos os lados. Talas dansou, cantou e bebeu por muitas horas. Os gatos estavam sentados sobre almofadas e observavam os humanos jubilantes com seus olhos nacarados. Quando a festa ia a plena força, Talas pode contemplar o por-de-sol de dentro do palácio. Ele se divertia tanto que quase se esqueceu da sua outra vida, onde ele era apenas Carlos, um jovem desempregado. Mas o Chamado o trouxe de volta à razão; o seu corpo terrestre estava prestes a despertar. Ele pediu licença ao rei, mas teve que lhe prometer que voltaria no dia seguinte para um imenso banquete, que seria oferecido em sua honra pelo povo de Turcosy. A fanfarra de cornetas e trompetes o seguiu até as portas de marfim. Uma delegação de homenzinhos acompanhou Talas pelo caminho de volta, afim de desimpedir o caminho que lhe havia causado tantas dificuldades.

Assim que ele chegou às margens do Kuth-Nucktuk, Talas se virou para os pequeninos que observavam a sua partida e lhes acenou com as mãos um gesto fraternal, afirmando que estaria de retorno no dia seguinte.

O sol mal havia aparecido quando Talas acordou às margens do Kuth_Nucktuk. Deitado na areia, ele sentia a água marulhando timidamente à seus pés. Ele sequer se deteve para contemplar a beleza do céu esbraseado, partindo sem mais delongas pela rota ao longo do rio. Após algum tempo ele começou a avistar as torres de Rynouk; na sua pressa, ele havia passado a entrada da trilha que conduzia a Turcosy. Ele teve que retornar sobre os seus passos e apenas olhando muito atentamente é que ele descobriu os indícios de uma tímida trilha. As árvores que os homenzinhos haviam cortado agora cresciam maiores e ainda mais vigorosamente e o caminho parecia ainda mais impraticável do que na véspera. Isso não foi porém obstáculo para Talas, que no entusiasmo do retorno, literalmente sobrevoava os obstáculos à sua frente. Os pássaros ainda volteavam pelo céu, as flores exalavam o mesmo perfume balsâmico de que ele se recordava e o doce calor do sol acariciava o seu corpo. Ao chegar ao topo da colina, ele avistou enfim as portas de marfim. A essa vista, ele acelerou ainda mais o ritmo do seu passo.

Mal ele havia transposto as portas ele se deu conta de uma grande mudança. Desta vez, Talas não foi acolhido com cantos e dansas. A bem da verdade, as ruas estavam desertas e não se via nem traços do povinho miúdo. Ele parou por um bom tempo observando ao seu redor; múltiplas fissuras rasgavam as muralhas altaneiras do palácio de cristal, o ouro descascava das colunas do templo. Das casas de rubis, esmeraldas e diamantes restavam a penas as fundações. A cidade parecia abandonada. Apenas alguns gatos ainda perambulavam indolentes por alí. O sonhador dirigiu os seus passos para o castelo do rei. Lá também a desolação reinava soberana. Talas se aproximou lentamente da sala do trono. Assim que ele ultrapassou a soleira, centenas de gatos se enfiaram pelas brechas abertas nos muros, desaparecendo da vista. Ele teve que afastar os ossos espalhados de uma multidão de esqueletos alvejados pelo tempo para chegar ao trono manchado. Assentado nele havia um esqueleto que a corrupção ambiente havia poupado: sobre a cabeça, Talas reconheceu a coroa que Tillodiam portava ainda na véspera.

Talas contemplava as ossadas que o cercavam. O seu número ultrapassava a imaginação e eles pareciam alí repousar há vários lustros. O viajante não conseguia compreender que catástrofe havia se abatido sobre o reino do seu amigo Tillodiam. Ele acabou por abandonar a cena fúnebre e se dirigiu ao templo. Ele se lançou sobre as portas de ouro. Talas tentou em vão abrí-las, elas continuavam hermeticamente fechadas. Após ter renovado em vão os seus esforços, ele inspecionou as muralhas externas do edifício. Após longa procura, ele conseguiu descobrir uma brecha suficientemente larga para deixá-lo deslizar por ela. Um ar viciado e estagnante enchia o interior do templo como se ninguém alí havia penetrado desde a Alta Antiguidade. Talas viu que a misteriosa estátua que ele havia divisado durante a sua primeira visita ainda estava alí no meio do templo e que o véu que a encobria estava sujo e rasgado. Curioso de conhecer a natureza do objeto, ele levantou uma ponta e descobriu um ídolo humano. Um ídolo à sua imagem. Ao pé da estátua, alguém havia depositado com evidente cuidado algumas tabuinhas de argila. Malgrado sua aparente fragilidade, elas não se quebraram quando Talas as

pegou. O sonhador se instalou num canto do templo e se encostou num muro afim de as ler. Eis o que estava escrito nelas:

Já faz um ano agora que o deus Talas veio nos visitar, na figura de um simples viajante. A sua chegada foi interpretada como o presságio de uma prosperidade sem precedentes para o reino de Turcosy e Talas foi festejado por todo o povo de Turcosy. Ele nos prometeu de retornar no dia seguinte e nos afirmou que estaria presente no grande banquete que o rei Tillodiam ofereceria em sua honra. Infelizmente, ele não apareceu e ninguém o viu em todo o reino. O nosso soberano ficou muito contrariado, mas divulgou a hipótese de que o tempo, sem dúvida, correria de modo diferente para os deuses e para os mortais. Durante cerca de seis luas, o nosso soberano montou toda noite um novo banquete, na esperança de que o deus voltaria, mas sem resultado. Após isso, o rei Tillodiam se retirou para os seus aposentos e eu, Akhilash, o sumo pontífice de Turcosy, fui o único a poder vê-lo, de vez em quando. Após muitos meses de sombrias meditações, o nosso velho soberano anunciou aa povo a sua decisão: todo a população de Turcosy deveria assistir às novas festividades dadas no palácio em honra de Talas. Foi promulgada uma interdição formal de alimentação, válida para todos, até o retorno do deus. O povo de Turcosy cantou e dansou por dias e noites seguidas: um a um, os vassalos do rei tombaram de fraqueza e morreram, sem ver o deus Talas retornar e sem que enfraquesse a resolução do rei. O nosso soberano vei por sua vez a entregar a sua alma e agora eu sou o último habitante de Turcosy. E logo mais, irei me juntar aos meus....

Talas foi invadido por um sentimento de desespero sem limites: o extermínio de todo um povo pesava sobre a sua consciência. Mas eis que ele já sentia o Chamado: ele deveria retornar às margens do Kuth-Nucktuk, antes que o seu corpo terrestre acordasse. Ele se levantou apressado e se dirigiu para a brecha pela qual ele havia penetrado no templo. Mas antes que ele pudesse chegar lá, uma multidão de gatos lhe barrou o caminho. À frente deles estava um enorme gato cinzento, que olhou longamente o viajante, enquanto lambia as patas dianteiras. Após um bocejo felino, o gato assim se dirigiu a ele:

— Então as lendas eram verdadeiras... o deus Talas existe, belo e formoso! Você não deveria jamais ter voltado. Você trouxe desgraça a este povo, que sabia tão bem cuidar dos nossos antepassados. Nós juramos que se você ousasse retornar, nós os vingariamos. Você vai morrer!

Talas tentou em vão se explicar. O príncipe dos gatos lhe deu as costas desdenhosamente e se entrincheirou atrás das suas tropaas. Ali ele estava também numa posição privilegiada para observar os acontecimentos. Talas arremeteu para abrir caminho entre as fileiras cerradas de gatos. A sua carga inesperada tomou de surpresa os grandes gatos tigrados que estavam na frente da armada felina. Um deles, dos mais pesados, foi projetado contra o muro por um pontapé do humano. Mas uma vez passado o efeito da surpresa, os gatos se precipitaram ao ataque. Enquanto que uns se atracavam às canelas divinas, tentando fazer Talas tombar, um pequeno siamês se atirou sobre as costas do deus e lhe lanhava os flancos. O homem se debatia com a energia do desespero, mas cada vez vinham mais gatos. Talas perdia sangue por inúmeros cortes. Ele tentou estrangular o siamês que continuava a lacerar as suas carnes, mas os outros gatos aproveitaram desse momento de vulnerabilidade para lançar uma carga devastadora. O homem foi lançado ao solo, forçado à imobilidade pela massa compacta e rastejan: siameses, espanhóis, persas e gatos de rua vulgares formavam uma só entidade. Ao longe, distante da dor que lhe infligiam as garras e dentes, ele sentia o fraco chamado lembrando-o que deveria voltar ao seu corpo. Pouco depois, ele exalou o seu último suspiro, naquele templo que os homenzinhos lhe haviam dedicado.

Carl Dumais foi encontrado no dia seguinte, mergulhado num coma profundo, do qual ele não saiu nunca mais. Um vizinho afirmou ter ouvido urros ao alvorecer, mas o corpo de Carl não apresentava nenhum ferimento.

Pierre-Luc Lafrance nasceu em 1979. *Voyage et rêve* (Viagem e sonho) é o seu segundo conto publicado na revista *Solaris*. Ele saiu também em espanhol na revista *Sable*, sob o título *El sueño es una eternidad perdida*. O seu primeiro romance, *Y a-t-il un héros dans la salle ?* (Há um herói na sala?) foi publicado em 2004 pela Editora Soulières. Ele foi seguido no início de 2005 por *Princesse à enlever* (Princesa a levar), um outro romance de paródia aos contos de fadas. Para saber mais sobre o autor: <http://www.plafrance.com>